PARA TODOS...
ANNO XII
NUM. 581
1 FEVEREIRO
1930
PREÇO 1$

Lavar as fructas antes de descascal-as

Nas chacaras e pomares o sólo é quasi sempre polluido por dejectos lançados á sua superficie. Ao colher as fructas são ellas deixadas ao chão, antes de serem transportadas. Na casca das fructas encontram-se, pois, germens e, sobretudo, ovulos de parasitas intestinaes. São frequentes os casos de verminose em pessoas asseiadas e que vivem nas cidades, devido ao facto de não terem ellas o cuidado de lavar as fructas antes de descascal-as. Os ovulos dos parasitas passam da casca ás mãos e destas á bocca. Convém, pois, lavar as fructas. Para desinfectar as mãos, nada melhor que o afamado Sabão Bayer de Afridol, que é excellente, tambem, para conservar e amaciar as pelles fracas.

Cuidado com o sol, senhores desportistas!

Estamos em pleno verão. Os raios solares, de que tanto precisamos, entram-nos por todos os póros. Viva o sol! Convém, entretanto, não abusar, sujeitando-se nessa época a banhos solares exaggeradamente prolongados, sobretudo as crianças, ás quaes são muito prejudiciaes. O sol é um remedio que devemos usar, mas de que não devemos abusar. O verão é uma optima occasião para calcificar o organismo. Os medicos aconselham aos adultos e ás crianças fazer nessa época provisão desse elemento indispensavel ao organismo. O melhor medicamento para esse fim é a Candiolina da Casa Bayer, que até as crianças tomam com prazer. Senhores desportistas, não se deixem "descascar" ao sol das praias, tomem Candiolina e verão como lhes augmenta a capacidade physica.

O Mais Bello Livro das Creanças

O LIVRO DE CONTOS DOS RICOS; O LIVRO DE CONTOS DOS POBRES

ALMANACH DO "O TICO TICO" PARA 1930

Contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historia e brinquedos de armar, e Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamim, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco e Faustina, tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

Se não existe jornaleiro em sua terra, envie 5$500 em carta registrada, cheque, vale postal, ou em sellos do correio á Soc. An. O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21, Rio, que será remettido ao seu filhinho um exemplar desta primorosa publicação infantil.

A' venda em todos os jornaleiros do Brasil

Giuseppina Grassini

Em 1773, a mulher de um bravo agricultor lombardo, chamado Grassini, dava ao mundo uma filha. Ella foi baptisada com o nome de Giuseppina, e parecia destinada a tornar-se uma dessas camponezas que, sob pampanos em grinaldas, correndo de arvore em arvore por cima das moitas, fazem reviver, nos campos onde lourecem os trigos, as bellas folhas da terra que Virgilio encontrou e admirou. A sorte mostrou-se prodiga para essa Giuseppina. Não se satisfez em dotal-a com uma belleza cujo desabrochar deveria assombrar o mundo, divertiu-se ainda em fazer da mocinha um incomparavel rouxinol humano.

No momento de pôr em evidencia os dons excepcionaes com os quaes a havia dotado, em boa hora collocou em seu caminho o general Belgiojoso. Nenhum homem, qualquer que fosse a sua nacionalidade, não poderia ficar indifferente diante das seducções reunidas nesse rosto e nesse corpo de moça. Porém, como bom italiano, apaixonado da musica e fervoroso admirador do "bello canto", Belgiojoso encontrou em Giuseppina mais um irresistivel encanto; e na deslumbrante adolescente, em quem desde o primeiro momento presentiu tantas seducções, desejou accrescentar mais uma, a de grande artista.

Giuseppina estudou com os mais afamados mestres de Milão. Sua voz — um contralto bastante poderoso para exprimir em toda a vehemencia os mais violentos sentimentos, bastante suave para desenrolar em brilhantes arabescos, as mais audaciosas vocalisações — deslumbrou os previlegiados que tiveram o supremo prazer de assistir ao despontar dessa estrella.

A Grassini estreou no Scala, durante o Carnaval de 1794, em uma das quarenta ou cincoenta representações da Artarserse, e depois na Damofoonte, sobre a qual no seculo XVIII se consumiu o astro dramatico das composições italianas.

Essas estréas da Grassini na scena milaneza foram verdadeiros triumphos.

Desde o primeiro momento foi considerada como uma das mais notaveis cantoras de seu tempo, e sem uma rival digna de figurar a seu lado.

Foi tão amada como admirada. E não tardou tambem em amar, porém a um homem que não soube retribuir-lhe o affecto.

Esse homem foi o general Bonaparte — "Todo o mundo, diz Joseph Turquan — todo o mundo sabia no exercito que madame Grassini, essa incomparavel actriz que todas as noites era enthusiasticamente applaudida no theatro Scala, na Opera "Les Vierges du Poleil", concebera um amor tão violento quão infeliz pelo general Bonaparte, e os applausos delirantes com que a saudavam estava talvez no pensamento dos espectadores, para a consolar das decepções do coração..." Bonaparte, com effeito, ficou surdo ás investidas da bella cantora. E a acreditar no — "Memorial", — elle mais tarde em Santa Helena declarou que affectou uma indifferença que não sentia, apenas por calculo politico.

"Minha alma era demasiada forte para cahir na armadilha, atravez das flores divisei o abysmo. A posição era por demais delicada, pois commandava velhos generaes, o trabalho immenso, e olhares ciumentos acompanhavam todos os meus movimentos, e minha fortuna dependia da minha prudencia, se me tivesse distrahido um momento, quantas das minhas victorias não se teriam perdido.

Mas depois da de Marengo, num concerto dado em honra do Primeiro Consul, este julgou inutil resistir por mais tempo aos encantos da bella Giuseppina.

O general mandou chamal-a, segundo narra o "Memorial de Santa Helena", e, depois do primeiro momento de palestra, ella recorda-lhe que a sua estréa deu-se precisamente por occasião de suas façanhas.

"Eu estava, dizia ella, em todo o esplendor da belleza e do talento. Representava o principal papel em "Les Vierges du Soleil", seduzia todos os olhares e inflammava todos os corações. Só o joven general ficava indifferente e, entretanto, só elle me interessava.

Que capricho! Que extravagancia: Quando eu sabia alguma cousa, quando toda a Italia estava a meus pés, e eu a desdenhava heroicamente por um só de vossos olhares, não consegui obtel-o, hoje elles me procuram quando já nada valho, quando já não sou digna de vós". Parece que o sentimento demonstrado assim com uma tão melancolica franqueza, era em parte justificado.

Uma velhice precoce havia abatido esse altivo rosto, e esse bello corpo que embora ligeiramente deixava transparecer os traços de uma existencia accidentada onde o amor capricho, a despeito do amor exclusivo, que havia sonhado, occupava largamente o seu logar. Porém, a voz de madame Grassini nada perdera de sua acariciadora e penetrante doçura, nem de seu poder tragico. E, para um homem sensivel á musica, como era Bonaparte, foi para elle como havia sido para Belgiojoso, um irresistivel encanto. E, foi assim que uma noite quando Bourrienne chega para despertar o Primeiro Consul, afim de annunciar-lhe a capitulação de Gênes, não o encontra só. A Grassini havia tambem capitulado, com mais empenho que resistencia, e a derrota, da qual se sentia feliz, foi a desforra de passadas decepções.

Essa aventura promettia muito. Bonaparte desejava que a cantora o acompanhasse a Paris, porém, como esposo prudente, usou de subterfugios para que sua legitima esposa Josephina não percebesse os verdadeiros motivos dessa viagem da Grassini. Assim, a nota in-

sidiosa foi inserida no boletim do exercito: "O general em chefe, e o Primeiro Consul assistiram a um concerto que, embora improvisado, muito agradou".

Na musica italiana ha sempre encantos novos. A celebre Bellington, a Grassini e Marchesi são esperados em Milão. Asseguram que de lá partiram para Paris, afim de realizar concertos.

Ora, entre uma Bellington, com epitheto, e um Marchesi, a Grassini, sem epitheto, estaria em segundo logar, e, por muito brilhante que fosse o nome da cantora a respeito da qual a nota de precaução foi lançada, transformava-se em simples menção. E, sempre com o fito de não despertar a attenção da outra Josephina, continuou a ter em Paris o mesmo cuidado que em Milão. Touché assim confirma nas suas "Memorias". "Largamente paga, com 15.000 libras por mez, viram a Grassini brilhar no theatro, e em concertos nas Tuileries, onde sua voz maravilhou a todos. Não querendo dar á Josephina, que era excessivamente ciumenta, motivos de tristeza, Bonaparte fazia á cantora rapidas e furtivas visitas.

Nesse meio tempo a Grassini despertava entre os Parisienses um enthusiasmo igual ao que sempre levantou entre seus compatriotas.

Em 22 de Julho de 1.800, cantava em uma festa nacional, no Campo de Mars, onde os organizadores haviam reunido oitocentos musicos.

Mas, devido a sua má pronuncia de francez, não conseguiu representar os principaes papeis do seu repertorio, cantou então em dois concertos na Opera, os quaes ainda mais augmentaram a sua fama de grande artista.

Porém, um novo acontecimento amoroso, deveria transtornar ainda uma vez a sua vida. Fouché, á primeira contestação que acabamos de transcrever, ajunta esta, dando-lhe, pelo que se segue um caracter accentuadamente determinado de circumstancias, attenuantes. "Os amores sem preoccupações e sem encantos, não poderiam satisfazer uma mulher altiva e apaixonada. Ella enthusiasmou-se vivamente pelo celebre violinista Rode.

Um amor afasta outro. Pierre Rode tomava no coração da cantora o logar de Bonaparte.

Fontenilles

Em Novembro de 1801, encontramos madame Grassini em Berlim. De Março a Julho de 1802, canta em Londres, e por essa "tournée" ganha 75.000 francos. Depois, nos intervallos de contratos successivos em diversos pontos da Europa, passa algumas vezes por Paris. Os traços dessas passagens encontram-se até nas cartas da Imperatriz.

— "Soube — escreve á uma de suas amigas, Josephina cada vez mais enciumada. —

Soube que, ha dez dias a Grassini está em Paris. Parece que ella é a causadora de todos os meus tormentos... Você faria bem em mandar a Julia saber se alguem entra em casa do Imperador. Procura tambem saber onde esta mulher mora... — "

Mas a despeito dessas inquietações o Imperador chama a cantora a Paris.

E, se não foi como parece bem depressa consolado de sua traição, em todo o caso não lhe guardou rancor.

A Grassini uniu-se de novo ao theatro da Côrte, com ordenados de 36.000 libras, os quaes ajuntar annualmente 15.000 de gratificação e 15.000 de pensão de aposentadoria.

Quanto a Rode, parece ter desapparecido de sua vida. Elle não foi na sua carreira sentimental, que um capricho a mais.

"Quando voltou da sua fugida com o violinista, diz Joseph Turquam, foi acolhida com a sympathia que sempre Paris demonstrou para com os grandes talentos, sobretudo quando elles eram seguidos de algum esplendor.

Giuseppina estava ainda bella, e sempre boa, manejava cada vez melhor a sua deliciosa voz de contralto.

"Recebida em todo logar, amada por todos, — escreve uma senhora dotada de fino e observador espirito — possuindo um natural acolhedor, espontaneo, verdadeiro e original. Falava uma especie de argot misturado de francez e italiano, o que lhe permettia tudo dizer, e que sabia disso se aproveitar para fazer as mais rigorosas censuras, e as mais originaes confidências, jogando a falta das suas palavras sobre a ignorancia da lingua, quando por acaso ellas maguavam ou feriam alguem."

Traçando esse pequeno retrato (no seu livro "Foyers eteints") madame Ancelot pensava, sem duvida, em uma palavra da Grassini que fez rir toda Paris, e que encontramos no livro de M. de La Cases. Foi por occasião de uma condecoração que o Imperador conferiu a soprano Crescentini. Dei, disse Napoleão, a corôa de ferro a Crescentini. A condecoração era estrangeira e a pessoa tambem. Entretanto, a indignação que ella causou, encontra-se engolfada em uma boa palavra.

Era uma abominação, dizia um bello prosador do bairro Saint-Germain, um horror, uma verdadeira profanação. E qual poderia ser o titulo de uma Crescentini? A bella madame Grassini levantando-se majestosamente de sua cadeira replica com gestos theatraes:

— "E sua "blessoure", porque, senhor, nada menciona es?"

Foi então taes manifestações de alegria e de applausos, que a pobre madame Grassini sentiu-se seriamente perturbada com seu successo.

A Grassini havendo completamente renunciado a representar o papel de favorita, que por um momento tanto desejaria, conservou até 1814 o titulo de primeira cantora do Imperador.

Após a quéda da Aguia, voltou para o seu paiz. Alguns annos mais tarde, tendo a sua voz perdido a frescura e a extensão, abandonou irrevogavelmente o theatro.

Viveu ainda muito tempo, e morreu em 1850 com a idade de setenta e sete annos.

Clinica Medica de "Para todos..."

TRATAMENTO ABORTIVO DA ERYSIPELA

A evolução de toda e qualquer erysipéla póde ser rigorosamente detida em sua marcha, si, ao apparecimento dos primeiros symptomas, empregar-se um tratamento de inconteste efficacia.

Sem recorrer ás vaccinas e sôros especificos, destinados a actuar contra os streptococcus, applica-se o colíargol, em injecções endo-venosas, dosadas a cinco centimetros cubicos, — uma ou duas injecções quotidianas, durante um periodo de tres ou quatro dias.

Os resultados têm sido muito vantajosos, não conseguindo a infecção esboçar o quadro clinico inherente á sua especie.

Todavia, nos casos graves de erysipéla, verificados em antigos padecentes de semelhante enfermidade, para se obter uma cura completa, supprimidas as manifestações secundarias do morbus, é nenessario praticar, duas vezes por dia, injecções hypo-dermicas do sôro anti-streptococcico, tendo cada uma cincoenta centimetros cubicos.

Tal methodo therapeutico deve ser mantido rigoroso e escrupulosamente, durante o periodo de dois a cinco dias, nos casos que denotarem extrema gravidade, até que se constate a inexistencia da febre e o doente se revele em plena convalescença.

Adoptando assim uma bôa precaução, afasta o medico a possibilidade de uma recahida e domina, em poucos dias, uma doença infecciosa que, muitas vezes, se prolonga por algumas semanas.

As erupções que a pelle frequentemente exhibe, assim como as dôres, em varias articulações, — phenomenos attribuidos á actuação do sôro e que não se revestem de nenhum perigo — devem ser corajosamente supportadas pelos enfermos, em troca dos beneficios que uma rapida cura quasi sempre lhes offerece.

CONSULTORIO

C. E. B. (Campos) — Tse: dionina 1 centigramma, thiocol 25 centigrammas, conserva de rosas, quantidade sufficiente para uma pipula, vindo 12 iguaes, para tomar uma, de tres em tres horas. Use tambem "Xarope de Gomenol do Dr. Monteiro Vianna" — tres colheres (das de sobremesa) por dia.

ZELIA (São Paulo) — O menino deve usar: tintura de aconito quinze gottas, tintura de eucalypto 1 gramma, licor ammoniacal anizado 20 gottas, benzoato de sodio 3 grammas, xarope de Desessartz 30 grammas, infuso de especies bechicas 250 grammas, — meio calice de tres em tres horas. Antes de cada refeição principal, usará dez gottas de "Sanas", num calice dagua assucarada.

E. N. A. (Rio) — Continue a fazer o tratamento referido, accrescentando apenas: gottas amargas de Beaumé 1 gramma, licor de Fowler 2 grammas, tintura de canella 4 grammas, tintura de genciana 4 grammas, extracto fluido de Yhumbeoa 5 grammas, extracto fluido de kola 15 grammas, — vinte e cinco gottas, num calice dagua assucarada, depois de cada refeição principal.

THEDA (Jundiahy) — Com o intervallo de dez dias, após o termino da 1a serie de injecções, póde, sem inconveniente, empregar outra serie.

I. G. S. (Uberabinha) — O tratamento deve ser o mesmo. Segundo relata em sua carta, as melhoras são evidentes. Entretanto, si reapparecer a insomnia, use, no momento de se recolher ao leito, "Sedosine", — tres vezes a medida que acompanha o vidro, numa chicara de infuso de melissa.

F. O. M. (Alegrete) — Use: tintura de sementes de colchico 4 grammas, salicylato de sodio 5 grammas, iodureto de stroncio 6 grammas, extracto fluido de salsaparrilha 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas, — tres colheres (das de sopa) por dia. Faça, por semana, tres injecções intra-musculares, com o "Arshydrargor". Friccione os pontos doloridos, com o "Balsamo de Bengué".

N. O. E. M. I. A. (Penedo) — Antes de cada refeição principal e no momento de se recolher ao leito, use dois comprimidos de "Lactal". Externamente, empregue em massagens diarias: essencia de canella 10 gottas, essencia de eucalypto 20 gottas, unguento styrax 1 gramma, balsamo de Perú 30 gottas, vaselina liquida 25 grammas.

H. S. A. (Bananal) — Use, pela manhã e á noite, "Urophilo", — a medida que acompanha o vidro, dissolvendo os granulos, em meio copo dagua fria. Pela manhã e á noite, applique, por meio de compressas, na região indicada: borax em pó 2 grammas, hydrolato de rosas 20 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 20 grammas.

U. N. A. (Viçosa) — Basta usar: creosota de faia 1 gramma, terpina 30 centigrammas, tintura de lobelia inflata 3 grammas, tintura de droseia 4 grammas, benzoato de sodio 6 grammas, hydrolato de louro cereja 10 grammas, xarope de alcatrão 150 grammas, xarope de polygala 150 grammas, — uma colher (das de sopa) de tres em tres horas.

LILITA (Bôa Esperança) — A priminha deve usar: tintura de calumba 1 gramma, tintura de cascarilha 1 gramma, aniodol interno 2 grammas, sal de Vichy 3 grammas, xarope de aniz 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro, — meio calice de quatro em quatro horas.

DR. DURVAL DE BRITO.

NEO-NECATORINA
Dr. BELISARIO PENNA.
"Vermicida ideal!"
(PALAVRAS DO GRANDE HYGIENISTA Dr. BELISARIO PENNA:)
"A efficacia da NEO-NECATORINA sobre o Necator (verme causador da Opilação ou Amarellão) é fulminante. Não trepido em affirmar ser a NEO-NECATORINA um vermicida ideal, cuja maxima divulgação constitue um dever de patriotismo e de humanidade."
NEO-NECATORINA
Vermifugo poderoso acondicionado em capsulas roseas contendo tetrachloreto de carbono em soluto solido e optimamente tolerado pelo organismo humano.
DEPOSITARIOS PARA O BRASIL: DAUDT, OLIVEIRA & CIA.
FABRICANTES: COMP. MERCK BRASIL

REALART
Esmalte - Creme - Agua de Colonia
Gaby
Agua de Colonia Gaby
Creme Gaby
Esmalte Gaby
Premiado no estrangeiro, Rio e S. Paulo.

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

Um livro de originalidade e belleza...

Thelma Todd
e outras louras que entontecem numa edição de luxo.

CINEARTE - ALBUM PARA 1930

Se não ha jornaleiro em sua terra, envie-nos immediatamente 9$000 em dinheiro, em carta com valor declarado, cheque, vale postal, ou em sellos do correio, para que lhe remettamos um exemplar desta publicação sem igual.

Pedidos á

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

A' venda em todos os jornaleiros

Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro

ONDE "ESTAVA" A "FELICIDADE"

BEATRIZ DA COSTA AMARAL

DOENTE e cansado da vida de pandegas que levava no Rio, Decio Dias partiu para Cambuquira, afim de vêr se recuperava a sua saude perdida.

Ao chegar ao quarto que alugára no principal hotel d'essa linda e pacata estação de aguas, invadiu-o uma grande calma e, recostando-se num divan, poz-se a se lembrar com saudade das eguaes noites socegadas de roça que passára na fazenda onde se creára. Muito joven ainda casára contra a vontade dos paes com uma carioca munda, d'essas que só se preoccupam em gastar dinheiro com moda e passeios. Os velhos queriam que elle desposasse uma mocinha residente perto da fazenda onde moravam em Mendes, mas o Decio revoltou-se, quando lhe externaram seu desejo:

— Meus paes, detesto essas matutas d'aqui e pretendo casar-me com uma namorada intruida e chic que tenho no Rio.

Amava loucamente a mulher mas não foi correspondido, — a leviana abandonou-o por outro, dez annos depois do enlace.

Decio desquitou-se da esposa ingrata e recomeçou a vida alegre de orgias que levava em solteiro. Procurava nas pandegas lenitivo para a sua grande dôr moral como um doente que busca num narcotico um allivio para os seus padecimentos.

Pouco tempo depois do desmoronamento do seu lar, perdeu o pae e um mez mais tarde a mãe. Esta minutos antes de expirar ainda lhe dizia:

— Decio, eu morreria satisfeita se me tivesses feito a vontade, casando-te com a Olga. Ella é tão recatada e bôa, e como serias feliz se a tivesses como esposa!

Após o enterro da mãe vendeu a fazenda e voltou ao Rio.

Era já madrugada quando elle se levantou do divan. Abriu a janella do quarto e com a tenue claridade do dia que nascia, viu pela primeira vez a matta e o bello parque de Cambuquira. Ficou extatico com a linda vista e quedou-se apreciando-a por muito tempo. O perfume das rosas d'uma trepadeira que havia perto, embalsamava o ar.

Decorridos poucos dias, leu num jornal do Rio a noticia do fallecimento da ex-esposa. Sentiu um grande allivio, — era-lhe preferivel vêl-a morta a supportar que ella vivesse com outro homem.

Uma manhã, sentindo-se bem melhor dos seus incommodos, resolveu fazer com alguns veranistas um passeio a cavallo. Partiram cêdo e como só tencionavam regressar á tarde, levaram alguma coisa para comer.

A principio reinou bastante alegria, mas quando o sol esquentou e o passeio já se prolongava por muitas horas, Decio, que ainda estava doente, sentiu-se mal e, ao sêr soccorrido pelos companheiros, desmaiou. Felizmente havia perto uma fazenda e levaram-no para lá O fazendeiro, um homem prestativo, tratou-o muito bem e, quando elle veio a si, não consentiu que se levantasse da cama. A' tarde os veranistas regressaram á Cambuquira, mas o doente, impossibilitado de montar a cavallo, ficou. A fazendeira desde a vespera estava ausente, mas a sua filha mais velha, uma mocinha de quinze annos, a substituia muito bem e ao enfermo nada faltou. E nessa fazenda, rodeado de gente simples e bôa, elle conheceu o quanto uma vida assim era melhor do que a que passára no Rio.

A' noite levaram-no para a sala de visitas onde a familia fazia serão. Emquanto o fazendeiro tomava as lições das filhas mais moças, Zelia, a mais velha, bordava um vestido d'uma irmãzinha e conversava com Decio: — O senhor, acostumado lá no Rio, deve estar achando insipada esta sua estada aqui.

— Absolutamente, senhorita, — eu já detestei morar no campo, mas hoje adoro.

— Gosto bastante tambem de residir na roça e, quando papae me leva ao Rio ou a São Paulo, eu lhe peço para não ficar muito tempo fóra da fazenda.

Nessa noite quando elles se separaram para dormir, sentiram que uma grande sympathia os unia.

Ao dia seguinte a fazendeira chegou e Decio teve uma grande surpreza ao vêl-a, reconheceu a Olga na mãe da mocinha que estava gostando. Apesar de não a vêr desde solteiro, achou-a pouco mudada. Ainda era bella e não parecia ter já trinta e dois annos.

Dois mezes depois Decio e Zelia casaram-se e foram morar numa fazenda que compraram perto da de Olga.

Ena vida calma da roça ao lado d'uma esposa adoravel elle encontrou a felicidade.

O encanto de Trouville

Passado de Paris

PALAVRAS DO CONDE DE BONDY

O homem não muito velho, mas de meia idade, a quem eu fui pedir um resumo das suas recordações sobre o fim do ultimo seculo, recolheu-se, rejuvenesceu provisoriamente de uns vinte e cinco a trinta annos e falou deste modo:

"Si presto ouvidos, logo me chegam sons de guizo e trote martellado de cavallos. Toda a minha primeira juventude foi embalada pelo guizo e pela roda de borracha — as mulheres passavam em pequenos e lindos coupés de altas e delgadas rodas, cobertas de borracha, leves e silenciosas como aranhas d'agua. Antes do carro ser visto atravez da janella, todos os guizos verosimeis e as ferraduras já trotavam sobre o meu coração. A roda de borracha, com a estréa do calçamento de madeira, representa uma tregua de silencio entre o ensurdecedor barulho das vidraças dos fiacres sobre o cascalho das ruas e a enlouquecente cacophonia das businas dos autos, com que a nossa época nos brinda. Fui contemporaneo do progresso da borracha, não conheci o velocipede, mas, pelo tempo da minha primeira communhão, passeava pelos arredores da minha provincia numa bicycletta, de rodas pneumaticas; os aldeiões tomavam-me por conductor de lobos, que é uma especie de feiticeiro.

— Póde contar qualquer coisa sobre a exposição de 1889?

— Ah! não! eu era muito pequeno para poder apreciar as maravilhas della; a Torre Eiffel, sim... estava ao alcance da minha innocencia. Atacavam-na violentamente... e depois faziam excursões ao alto...

E os sports? As corridas de barco? Desapparecidas desde Maupassant, quando eu começava a ser convidado para os divertimentos. O tennis? Mais ou menos parecido com o de hoje. O croquet? O mesmo em todos os tempos; jogo horrivel, de olhos baixos, sem nada de aereo, gerador de combates sem consequencias, entre jogadores providos de armas temiveis.

Quidque tibi, lascive puer, cum fortibus armis?

O velocipede

Debaixo do grammado onde nos divertiamos, existia um tunnel, causa, segundo a lenda, de haver o meu tio-avô, homem de ordinario cortez, chamado de nomes feios o arcebispo de Bourges.

Os theatros? Os cafés-concertos? Quasi não evoluiram, a não ser no lux. Os *Ambassadeurs* conservam-se exactamente como eram naquelle tempo. Havia o *Palais de l'Industrie*, irmão mais velho do *Grand Palais*, já tão feio quanto o mais moço; atraz delle o *Jardin de Paris*, precursor dos innumeros *dancings* de hoje. *Montmartre*, *Maxim's*, estavam em pleno apogeu. Eu terminava preguiçosamente os meus estudos, começados com os bons frades. Nos restaurantes, salvo ao almoço e ao jantar, conservavam-se sempre os chapéos na cabeça, conforme antigo uso. O chapéo deixado no vestiario foi o primeiro passo para a nudez publica que estamos quasi attingindo.

Trouville? Querem saber quaes foram as minhas impressões de estréa? Interditavam-me a entrada no *Casino-Salon*, mas era-me permittido frequentar uma pequena sala, o *Eden-Casino*, (em madeira, se não me falha a memoria) que se erguia na praias. Com alguns camaradas da minha idade, perdia as migalhas que trazia das corridas realizadas á tarde, ou ganhava para perder nos corridas da tarde seguinte. Nos dias em que venciamos nos dois campos de operação, bebiamos champagne a granel; quando perdiamos tudo, nas corridas e no *Eden-Casino*, na falta de outras distrações, ficavamos até de madrugada, abraçados ás nossas amigas, — mulheres-crianças — que na maior parte, pouco sobreviveram a essas noites e desappareceram antes de passado o periodo de enthusiasmo. As memorias enternecedoras estão ha muito tempo no Paraiso, depois de terem occupado um degráo nos paraisos artificiaes..."

Com essa evocação melancolica, os meus olhos se ennevoaram, (porque eu sou sempre sensivel, mesmo que fossem recordações do tempo de Luiz-Phelippe) o meu interlocutor ficou menos grave um pouco e desappareceu.

O café-concerto

Passado do Mundo

DESENHOS DE P. BRISSAUD

O croquet

BANHOS DE SOL

De tempos em tempos a moda decreta, com estardalhaço, costumes novos e usos pittorescos. Ha pouco foi a moda sensacional dos banhos de sol. Era um furor, um enthusiasmo louco. Não havia nada mais hygienico, asseguravam, do que expôr-se ao sol com um elegante maillot, que a faceirice feminina sabia escolher tão bem.

As praias adquiriram uma physionomia deliciosa. Não se podia dar um passo sobre a areia, nem entre os rochedos, sem encontrar duas ou tres sereia, vestidas com finos maillots de sêda, expondo ao sol os seus mâis convincentes encantos. Caminhava-se entre graciosas *academias* ou, si ouso dizer, *canhões ideaes*".

Creavam-se modelos de costumes de coloridos e desenhos interessantissimos. Havia ainda o complemento dos roupões, realizações babylonescas, creações *moldo-valaques*, personagens historicas, decorações néo-cubistas, toda a lyra, toda a lenda, toda a historia e arrematando tudo, gorros que lembravam os chapéos hollandezes, os capacetes phrygios ou taketapa turcomano.

A liberdade amavel de uma praia moderna! Como está longe o tempo em que o maillot ligeiramente collante alvoroçava os guardas e amotinava os apparelhos photographicos excitados.

Pois bem, saibam todos: O banho de sol passou de moda! Um ar de decencia, sopra atravez das brisas maritimas e não veremos mais as naiades exhibirem nas praias as epidermes trigueiras. A Medicina faz campanha contra. Alega que o bem-estar é momentaneo e que occasiona incommodos temiveis. Seria possivel prevêr? Os banhos de sol provocam, effectivamente, uma perigosa reação que se traduz pela coloração acobreada da pelle, quando não se approxima dos tons vermelho vivo ou encarnado carthamo.

Os homens velhos que, sem nenhuma logica, adoptaram a moda, deram o mais formidavel exemplo de congestão mitigada que se póde conhecer. Quadragenarios com a pelle queimada, o rosto sahido de um caldeirão de sopa apimentada, contrapunnam ás côres coruscantes, os cabellos brancos e a golla entreaberta de uma camisa a Danton. O espectaculo impunha reflexões edificantes.

Ora, affirmam os logicos e os sabios: si ha reação é porque a natureza soffre. Este postulatum parece indiscutivel. O que acreditavamos que fosse melhoria do organismo vivificado, não era mais que uma manifestação de defesa, a revolta de um temperamento fatigado, maltratado

Além de tudo, os banhos de sol se faziam acompanhar de uma sesta dolente ou de um flirt, a maior parte das vezes.

Bem differentes eram as evoluções sportivas dos jovens athletas, no parque de Reims, na época em que o senhor de Polignac organizou as admiraveis evocações de jogos olympicos. Movimentar-se ao ar livre, por meio de bons sports, é, sem duvida, muito hygienico e tonificante, mas ficar horas, immovel, debaixo do sol, traz complicações graves que podem arruinar as melhores saudes.

Existe uma reação franca contra os banhos de sol. E' triste para as elegantes, não têm mais occasião para póses artisticas. Mas não se póde ir contra os decretos rigorosos.

O *ar livre* atravessa uma crise grave. Quasi não se vêm mais elegantes sacrificadas aos prazeres do golf nos links verdejantes. No tennis, se os braços continuam nús, o pescoço pudicamente se esconde e o rosto se defende por meio de um lenço multicôr que mantem os cabellos.

Não é mais de *bom tom* mostrar aos admiradores uma pelle grossa e trigueira. Os tons *canella*, *cravo da India*, *Pelle Vermelha*, estão prescriptos. Tendemos para o rosa suave, que um perfumista da moda chamou ingenuamente — *rouge-emotion*.

O grande responsavel será ainda o fox-trot e os seus satellites.

A dansomania nos traz reações terriveis. Dansando sob as luzes artificiaes dos candelabros, as Parisienses ganham um colorido delicado, que lembra o tom nacarado das flores da serra. Não se falou recentemente em pó de arroz azulado e esverdeado? Porque não o pó de ouro liquido, em volta dos olhos como Ida Rubenstein?

Paul Morand escreveu: "A pelle é a consciencia da mulher".

Depois de haver manifestado excessivos sentimentos sportivos e amor ao ar livre muitas vezes prejudicial, as elegantes vão se consagrar ás intimidades restringidas e aos sports caseiros

Desejemos uma justa reação e o estabelecimento do meio termo, tão difficil de se conseguir neste mundo.

Si os banhos de sol cahiram no desfavôr dos medicos, dos hygienistas e dos curiosos, poderemos voltar ao banho de mar propriamente dito.

Quem não se chocou com o desamor dos banhistas de Deauville pelas ondas? Por traz dos bellos palacios, longe dos jardins floridos que dão a Deauville um aspecto inimitavel, no fim da zona meia deserta onde a municipalidade benevola e sportivos impenitentes installaram, á parte, campos de cultura physica e uma pista hippica, como se receiassem que o seu murmurio pudesse prejudicar as palestras frivolas da Potinière, o mar ostenta as ondas de lapis-lazuli e as espumas brancas.

E ninguem vae admirar a sua profunda transparencia, as irisações que sobre elle espalham os reflexos moveis do sol. E' preciso lembrar que o mar existe e que nos offerece com a sua belleza eterna, o segredo da eterna juventude. Nós somos de origem marinha, como tudo que vive e resplandece e faz a alegria da vida: Venus, os sub-marinhos, as salinas, o furacão..

Pierre de Trévières

O verão do outro lado da bahia

ICARAHY

Um domingo na praia elegante de Nictheroy

PRAIA DAS FLÉXAS

Nictheroy não é apenas a cidade-dormitorio que vê partirem todas as manhãs, arrastando-se no estremunhamento de quem muito se cansou na vespera, as multidões de empregados no commercio e nas industrias cariocas, que regressam ao cahir da noite, exhaustas e molhadinhas do suor honrado com que comem o pão quotidiano. As suas praias, de rustica e anarchica topographia, são recantos deleitosos para onde emigram os atormentados do calor insano, corridos da fornalheira ubiqua que está em casa, ao mesmo tempo que na rua, nos theatros e até nos "bars" veranescos.

Icarahy é uma evocação. Como os canaes de Veneza, os lagos da Suissa e os poentes romanticos do Bosphoro, que conhecemos nas gravuras cosmopolitas e apocryphas, tambem viajam por toda parte os paineis com as anfractuosidades typicas das suas ilhotas estereis, tumultuariamente informes, cheias de arestas, de chanfros, de alcantis. São colossaes ornatos de granito com que a Natureza quiz retocar a belleza daquelle esconderijo marinho, tornando-o mais rustico ainda, e, por isso mesmo, mais grato á contemplação dos nossos

PRAIA DAS FLÉXAS
DOMINGO DE MANHÃ

ANTES
E
DEPOIS DO BANHO

olhos saturados do convencionalismo da civilização.

Que dilettante da pintura não perpetrou já a sua pequena contrafacção das pedras de Icarahy!... E ellas chegam a ser mesmo os mais sérios concorrentes da popularidade do Pão de Assucar na lithogravura das folhinhas de reclame commercial...

Fazendo o raciocinio acompanhar o olhar, que vagueia de um a outro desses detalhes de serena e primitiva rusticidade, comprehende-se, sem grande esforço, a modestia, quasi timidez, com que se encobrem as lindas banhistas de Icarahy. Se umas todo se enrolam no amplo e longo roupão, outras só de dentro dagua se prestam a posar para a objectiva do reporter já desanimado... Configuram-se, assim, com a simplicidade panoramica, a um tempo hostil e encantadora.

Nem todas, porém, fogem do photographo com o arzinho sisudo de quem ralha:

— Não me amole!...

Estas outras são condescendentes. Alheiadas estão dos preconceitos, como do convencionalismo, gozando o celestial beneficio daquella hora de praia, e alheiadas continuam, graciosas nos seus "maillots"

PRAIA DE ICARAHY
DOMINGO DE TARDE

elegantes. Por que interromper tão curtos instantes de encantamento com um aborrecimento que só seria chic, talvez, no ambiente artificioso dos salões?... Ellas ali estão fugidas não apenas do calor intenso que torna as casas verdadeiras fornalhas; tambem querem descansar um pouco o espirito, afastando-se por momentos da monotonia bonalisadora da vida social. Chegam. Sentam-se ou se estiram na areia, com naturalidade, sem attitudes estudadas. Chega depois o photographo, bate uma chapa, e deixa tudo direitinho...

O infernal verão que continúa a esbrasear a terra, constrangindo-nos a cabeça numa tortura lenta e persistente, que faz lembrar a ferocidade dos castigos chinezes, faz derivar para as praias toda a população da cidade vizinha. Desde a praia das Fléxas, até o Canto do Rio, alvoroça-se uma multidão heterogenea e heterodoxa, reunida uma vez sob o mesmo espirito, a mesma idéa, o mesmo empenho: fugir á canicula, retemperando as energias physicas, e as do espirito, ao contacto democratizante do salso reino de Neptuno.

ODILON JUCÁ

DENTRO
E
FÓRA DO MAR

NA PRAIA DE COPACABANA

Fantasias para o Carnaval

SUECA — Blusa de setim rôxo violeta com bandas de seda amarello ouro, avental de tecido bordado a varias côres e saia de setim lacre.

RUSSA — Camiseta de cambraia, saia de "reps" marfim e collete de setim vermelho vivo, que tambem guarnece a orla da saia.

NORUEGUEZA — Blusa e saia de "faille" azul de pervinca, camiseta verde, de seda, mangas de opala branca e avental de opala bordado a vermelho e azul no franzido da cintura; chapéo preto com enfeites vermelhos.

DALMATA — Blusa de cambraia ou opala branca bordada a côres na extremidade das mangas, bolero e chapéo de velludo rubi. Saia do tecido das mangas com os mesmos bordados e faixa listrada de azul, vermelho, branco e preto. A' frente um laço de fita estampada.

EXCENTRICO — Bandas de setim de quatro tonalidades e babados do mesmo geito. Fichú e mangas apenas de um lado.

EUCHSIA — Setim branco misturado com setim vermelho.

WILDWEST — "Cow-boy" feminino. Seda parda, fichú de seda escarlate e saia plissada de crêpe havana.

LAZZARONE — Blusa e linho, saia de flanella escura rasgada na orla.

MASCOTTE — Vestido princeza, de setim brilhante marfim, folhas de trevo de setim verde e "porte-bonheur" pintados, bordados ou applicados.

COZINHEIRA — Branco e havana com tiras de fita de velludo laranja.

CARTEIRO DO AMOR — Bolero e saia de setim, blusa de cambraia e cinto de couro. Enveloppes applicados.

IMAN — Setim "beige" formando "godets" dos lados, babados de musselina e a ferradura de taffetas, velludo ou "lamé" applicadas.

FOX-TROTT — Vestido de setim fulgurante branco e notas em applicação, bordadas ou pintadas.

CAMPONEZA ITALIANA — Camiseta de "lingerie", collete e tunica drapeada de setim, velludo preto bordado a prata nos dois lados da cintura, saia de crêpe de seda rôxo esmaecido e avental bordado a côres.

HOLLANDEZA — Setim azul antigo para a blusa e quadrados que guarnecem a saia azul de louça conjunctamente com quadrados brancos, avental, fichú e touca de "lingerie".

BELGA — Mistura de branco, abobora, rôxo violeta e branco no avental e no gracioso fichú rematado por franjas.

HUNGARA — Blusa branca sob um bolero "lacet" de velludo escarlate. Saia estampada e avental branco enfeitado de renda.

A immensa nuvem de gafanhotos descendo sobre a praça Dejemaa-el-Fua, em Marrakech. Os fios telephonicos estão vermelhos de insectos. Ao fundo o vôo dá a impressão de nuvens tempestuosas.

NUVENS DE GAFANHOTOS

Os gafanhotos entre as plantações

As photographias que reproduzimos aqui, vieram de Marrocos. Foram tiradas em Novembro ultimo, por occasião de uma formidavel invasão de gafanhotos na região de Marrakech. Os gafanhotos depois de atravessarem a cadeia de Atlas, appareceram, em nuvens densas, na planicie de Haouz. Eram nuvens de 45 kilometros de longo, por 20 kilometros de largo. Cahiam como tempestade, sobre Marrakech, mergulhando-a em meia-obscuridade. Os gafanhotos eram de côr rosada, da grossura de dedos, com 10 centimetros de comprimento; as asas attingiam a 15 centimetros. Sobre o solo, um junto do outro, pareciam revestil-o como um tapete de lã, pelludo e de tons desbotados.

Os marroquinos encheram, mais ou menos, 50.000 saccos com os devastadores insectos, que, na maior parte, foram immediatamente destruidos pelos processos conhecidos: fossas especiaes e lanças de fogo. Uma pequena quantidade contribuiu para auxiliar a alimentação dos proprios caçadores, que os apreciam muitissimo. Preparados e cozidos em agua e sal, o gosto, segundo disseram, lembra o do camarão.

— ...pois eu sou profundamente sentimental, meu amigo. Não pósso suster as lagrimas quando, no cinema ou no theatro, assisto ao desenrolar de scenas pungentes, tão eguaes ás que, de vez em quando, nos apparecem na vida real.

Consegui ouvir este trecho de palestra, entre dois rapazes desconhecidos, quando esperava o **bond** da Villa Marianna, ás onze horas de uma noite estrellada, noite rara na terra da garôa. O **bond**, como de costume, demoraria para chegar. E eu, tendo passado o pedaço da noite no escriptorio a escrever cartas horrivelmente commerciaes, estava ansioso por um dedo de prósa, fosse com quem fosse, o que, sem duvida, seria mais agradavel do que ficar encostado á parede, mudo, durante longos minutos. Aventurei, então, uma phrase:

— São dois grandes erros, meus amigos. O seu sentimentalismo incompativel com o meio e com a época, e o meu atrevimento de lhes vir falar sem os conhecer, intruso em palestra tão intima, como me parece. Mas os senhores hão de perdoar-me. Sinto tanta vontade de palrar um pouco...

Não sei se foi o meu apparecimento inopinado, de surprehender, ou si a minha figura normal de homem do trabalho, ou, ainda, si a affirmação cathegorica lançada com tanta convicção, que levou os dois rapazes a dizerem, quasi timidamente, como quem céde sem saber porque:

— Pois não...

Reflectindo, olhei as horas. O **bond** levaria ainda uns 20 minutos para chegar. Não circulavam muitos na mesma linha, por ser hora tardia na cidade do trabalho. Havia, assim, tempo para contar aos desconhecidos amigos as minhas razões em contestal-os na affirmação recente.

— Para lhes provar que a sentimentalidade é um erro e um mal summamente prejudiciaes a quem a alimenta, contar-lhes-ei, apenas, a historia, aliás veridica, de um amigo meu, ha muito tempo fallecido. (Deu-me, ao lembrar-me desse amigo, o maior dos que tenho tido, um nó na garganta, ameaçando interromper a voz. Mas si eu estava falando contra a sentimentalidade, não poderia deixar transparecer a magua que me ia por dentro, á lembrança do companheiro querido, com risco de perder a causa a ser defendida.) O meu amigo chamava-se Alcides, Alcides de Abreu. Era alto e loiro, extremamente delicado, fazia versos e chronicas galantes, pintava aquarellas e tocava violino, qualidades que não importam ao caso e são mencionadas apenas para ser formada uma idéa superficial sobre essa personalidade extraordinaria. Possuia, porém, além desses dons, outro que lhe viera do berço, com o qual prendia em indestructiveis liames de aço as amizades que mantinha, tornando-as eternamente floridas e delicadas: era amavel e delicado. Nunca ouvi sahir de sua bocca a menor imprecação, nem a mais innocente das palavras obscenas. Elle tinha verdadeiro horror ao habito de quasi todos os moços de, em horas de reunião e palestra, intercalarem nas phrases palavras de sargeta, de alcouces e ditos immoraes.

Era tão delicado como uma moça de fino trato. Nunca descuidando das menores attenções exigidas pela amizade, jamais tivera uma questão ou aborrecimento com os amigos. E estes não deixavam de, ao lembrar-lhe o nome, pronunciar elogios ao grande companheiro: "Uma verdadeira moça! Grande amigo e grande intelligencia!"

Mas Alcides, como todos os homens, — ou como todas as cousas, — tambem tinha defeitos: defeitos que, aliás, não o obscureciam e nem lhe diminuiam os dotes de espirito e de coração. Us desses defeitos era a verdadeira mania nascida da prevenção votada impiedosamente ás mulheres, causas de tantas desgraças e tragedias, conforme contavam diariamente, os jornaes e os livros. Tinha por ellas o terror mystico das cousas afamadas, porém, desconhecidas. Ellas lhe appareciam como aos nossos avós, as bruxas e phantasmas, sempre objecto de pavor, desde as historias contadas pelas mucamas, nos dias de meninice, até a credulidade irrisoria das velhinhas. E, por detestar as mulheres verdadeiramente ditas, adorava, queria muito, idolatrava as meninas-moças, as creanças que passavam pela transformação da infancia para a adolescencia. Elle via nellas a ingenuidade caminhando ás cégas para o peccado, na marcha immutavel da Vida e da Natureza. E quando o interpellava (era eu o unico dos amigos que se atrevia a isso, dado o nosso intimo e antigo conhecimento) sobre a sua mania ridicula aos olhos da sociedade, sempre prompta a interpretar errada e maldosamente os gestos e actos alheios, que não sejam observancia fiel aos seus preceitos, elle respondia, com ternura e sinceridade, como crente fervoroso de exquisita doutrina:

— "Que quer, meu amigo? Isso é um gosto como outro qualquer. Prefiro ter nas mãos, como brinquedos, a essas almazinhas puras, e modelal-as de accordo com as minhas doutrinas immaculadas, do que sentir no coração a influencia damninha de mulheres feitas, que se alegram em dar martyrio aos homens, e em tornal-os ridiculos joguetes na vida. Sinto embriagadora satisfação quando vejo, na sociedade humana, o triumpho espiritual da mulher que se tornou mulher sob a orientação da minha escola. E' obra minha, é perfeita porque eu, roubando-a á acção funesta da evolução natural e livre, a fiz com a experiencia que os annos me deram".

E quando nos salões apparecia, pela primeira vez, a menina iniciada na vida de mulher-moça, Alcides ficava nervosamente alegre. Envidava todos os esforços para conhecel-a, ou pedindo a algum amigo lh'a apresentasse, ou aventurando-se, quando não havia o providencial amigo, a humilhante recusa de parte da moça convidada a dansar sem conhecel-o. E quasi sempre se sahia bem. Elle tinha arte para conquistar desde logo as sympathias, auxiliado fortemente pela atracção do physico, não formoso, mas de um bello typo de homem.

Começava, então, o arduo e penoso trabalho de suggestão, afim de fazer da desconhecida de hontem a obediente e fiel menina de hoje, que seguisse sem indecisões as palavras e conselhos de Alcides, sempre e individualmente oriundos da esclarecida maneira de encarar os homens e as cousas, e da pureza de sentimentos que presidia o criterio do moço sonhador. Elle não admittia, "por ser uma deshumanidade", que a menina se tornasse mulher como um titere desordenado nas mãos de individuos sem escrupulos e sem raciocinio, tão communs de alguns annos para cá. Individuos cuja maiór alegria e muito alta satisfação é o ensinar de prazeres concupicentes, malfazejos e debilitantes a essas flores que mal surgem, desabrochando no scenario da Vida. E não é só. Além da derrocada physica preparam, mais, a quéda moral das victimas innocentes: inculcam-lhes no espirito palavras bonitas e bem sonóras de declarações de amôr, anteriormente decoradas em algum "secretario dos amantes"; e insinuam-se ,taes colleios de asquerósos reptis, nos espiritos em formação de tal maneira que, dentro em pouco, eil-as a passar noites insomnes de meditações, sonhos e pesadellos, creando maravilhosos castellos no ar, onde domina sobranceira, unica, a figura malévola e perversa do conquistador. E assim, embalada na mais enganadora das illusões, ella vive até que elle se revela.

Era contra isto, contra estes habitos quasi sempre generalizados, principalmente nas grandes Capitaes, que a sentimentalidade bôa do meu amigo Alcides de Abreu se revoltava. E jurára a si mesmo, — uma especie de promessa no altar de sua alma, — que haveria de desviar o maior numero possivel de victorias das garras dos esfaimados abutres humanos, ignorantes macéradores de virtudes Seria luta accidentada e ingloria, elle bem o sabia. Mas haveria de vencer, graças á sua fé e á força de vontade que sempre possuira, desde as primeiras tentativas de sua vida, das quaes sempre sahira victorioso.

Essa ebnegação era interpretada por varias maneiras, conforme os olhos que a encaravam: para o don Juan barato elle apparecia como individuo passadista, insensivel aos prazeres do seculo dos automoveis a deslizar por ermas estradas, e dos cinemas de providencial penumbra nas salas, onde os amores descem ao mais baixo nivel: ás mulheres Alcides era apenas um maniaco cheio de exquisitices (talvez ellas pensassem como o d. Juan, mas não o diziam. Ellas nunca dizem os seus verdadeiros pensamentos): para as meninas, satisfeitas por merecerem a attenção delicada de um moço, era cavalleiro gentil e amavel, optimo par nas dansas.

E o trabalho não era dos mais faceis: exigia, para perfeito successo, a profundeza de espirito do philosopho, a sagacidade de diplomata, as subtilezas de poéta, a previdencia de militar e a audacia de reporter ou corretor de annuncios. Primeiro, conquistar as sympathias e as graças; depois, observar e comprehender os gestos, os habitos e os pontos vulneraveis; além, mostrar-lhes a vida natural e humana, abrir-lhes os olhos para os enganos e seducções que pódem vir dos homens e do mundo. E são tantos e tantos, como ninguem póde imaginar! Mostrava-lhes, com phrases preparadas em horas de recolhimento, das quaes eliminava cuidadosamente conceitos e vocabulos que pudessem ferir susceptibilidades, o verdadeiro fito dos mocinhos pernosticos e possuidores de automoveis comprados com irreconhecidos sacrificios dos papás. Apontava os intuitos delles quando faziam ardentes declarações de amor, repassadas de hypocrita sinceridade, ou as convidava para passeios, ao cahir da tarde ou á hora do cinema, justamente nos momentos em que as mães julgam ter as filhas em compras pela cidade ou no cinema com a amiga ou parenta. Mostrava-lhes, tambem, que o amor sincero é possivel mesmo sem ser alimentado nos cinemas, com apertos de mão e caricias condemnaveis, com beijos immoraes ou palestras obscenas. Era um grande maniaco o meu amigo Alcides de Abreu, não acham?

— Maniaco e passadista, puritano e tolo, disse um.

— Elle pretendia ingenuamente impedir a marcha natural das cousas, arguio outro.

Contiuei, porém:

— Mas si levarmos em conta as raças fortes dos nossos antepassados, raças sadias e intelligentes, procederam ao contrario do que hoje é natural, veremos que Alcides estava com a razão. Além disso os nossos máos costumes de hoje são enormes incongruencias, taes facas de dois gumes. Não ha quem não se revolte indignadamente contra attentados moraes soffridos por pessôas da familia ou queridas do coração. Pois esse mesmo revoltado, dalli a instantes, arrefecido ou saciado o odio, despido de qualquer raciocinio, vai desrespeitar e enxovalhar o lar alheio, ferir a dignidade de outrem. Onde a logica dos nossos habitos?

Assim, sempre crente na doutrina a que se submettera. Alcides já creara, ou antes, modelara, como fino artista, as almas de varias mulheres que venciam na vida social, mantendo sempre longe dellas os galanteadores perniciosos e corruptores. Ali estavam, tendo aos pés, submissos na grandiosa admiração, os melhores homens da sociedade, implorando-lhes a graça da preferencia, a Octacilia Penteado, Carlotinha Ribeiro, Alice Guimarães e outras. Eram todas perfumosas flores e graciosos ornatos dos jardins sociaes e uteis parcellas dos lares.

Era feliz, pelo successo do trabalho, o meu amigo Alcides de Abreu.

Mas elle não soube explicar, mesmo diante de minhas insistentes interrogações, a razão da profunda tristeza que o tomara de subito havia dois mezes. Não soube ou não quiz explicar. Ha dois mezes justamente elle conhecera Laurinda, e a preparava, como as outras, para a felicidade na vida. Nós, os seus amigos, andavamos inquietos com a melancolia permanente que se notava no semblante de Alcides, antes tão vivaz e alegre, e com os novos habitos tomados. Todas as tardes, agora, encontravamol-o no bar, scismando e bebendo. Scismando menos quanto mais bebia. Elle que nunca apreciara o alcool! Elle, — parecia-nos, — guardava no retrahimento absoluto dos seus segredos grande dôr moral, ignorada dos amigos, a lhe corroer impiedosamente o intimo.

Com a curiosidade aguçada, e no forte desejo de encontrar o remedio para o mal do meu grande amigo, puz-me a observal-o com argucia, principalmente na parte sentimental e em tudo que, chegando-se a elle, pudesse influir nos seus sentimentos. Como era natural volvi os olhos, em primeiro lugar, para Laurinda, a nova alma a ser modelada.

Era gracioso typo de morena que, apesar de creança na edade, já é mulher no physico. E que mulher, meus amigos! De olhos pretos, os olhos que penetram na gente: cabellos tambem negros, ondeados, resumando perfume; e dentes branquissimos emoldurando os labios bem feitos formavam a mais irresistivel bocca para os beijos loucos do desejo. As fórmas, curvas, elegantemente sinuosas formavam-lhe o talhe esbelto e galante, feiticeiro a atrahir os olhares quando passava pelas ruas. Emfim, Laurinha era o que se póde dizer, sem medo de contestação de juizes em concursos de belleza, uma mulher bonita.

Eu pensei commigo mesmo, ao vêl-a, ter descoberto a causa da subita e profunda melancolia de Alcides. Era o amor, tão temido por elle; era a mulher, sempre afastada de sua vida, que dominavam, senhores de todo o seu coração. Não podia haver duvida. Alcides estava apaixonado, mesmo sem o querer, apesar de fugir systematicamente das mulheres que pudessem dar-lhe as maguas do amor.

Victima passiva dos caprichos do Destino, Alcides ficára preso aos encantos de Laurinha e sentia, impotente para qualquer reacção, que o affecto crescia dia a dia, á medida que suas intimidades augmentavam. E, de capricho em capricho, o Destino lhe déra uma mulher cujo genio, cuja indole eram completamente avessas ao caracter e indole delle. Sempre imaginara, para sua companheira, — disso elle não se poderia abster, mais tarde, dali a annos, dizia, — uma creatura docil, socegada, cuja educação reconhecesse estar no lar as altas funcções da mulher. Enojava-lhe a educação moderna, que põe a mulher na rua, em promiscuidade com os homens e suas ambições. Baseado nisso elle se puzera a modelar as almas das moças creanças que se tornavam, sob sua orientação, mulheres-moças. Evitava para os outros os males que não queria para si. Mas Laurinha, de todas as almas que tivera em mãos, fôra a que se mostrara mais rebelde aos seus ensinamentos e conselhos. Espirito fogoso, temperamento irrequieto, ansiosa pela liberdade de acção, ella era bem a filha deste seculo maravilhoso de liberdades, desmandos e automoveis.

Alcides, no afan de incluir mais aquella alma nos moldes sãos de sua doutrina, não esmorecia, nem mesmo quando ella gargalhava desafiadoramente diante das palavras meigas que lhe dirigia, sentimental e sincero. Elle persistiu, removeu difficuldades, venceu obstaculos formidaveis, dispendeu toda sua arte "naquelle caso" até que um dia, quando observou, como artista, o seu trabalho, concluiu desapontadamente, que estava apaixonado por ella, por Laurinha, pela unica moça capaz de desdenhar dos seus ensinamentos. E se sentia victima do bem-querer, incapaz de afastar do seu pensar a figura da mulher bonita que se infiltrava lenta mas seguramente em sua alma.

E assim proseguia a vida.

Elle a procurar as casas onde se bebia para afogar no alcool os sentimentos novos que o faziam soffrer. E' assim que nascem os vicios e foi assim que se crearam quasi oitenta por cento dos infelizes. E Laurinha vivia a doudejar aqui, ali, e além a graça de sua belleza moça, espalhando entre os homens o desejo e o amor. Alcides era para ella apenas a figura engraçada de um maniaco, merecedor unicamente de piedade, por não saber gosar da vida os prazeres que a vida moderna offerece, aos homens de espirito alegre e despidos de qualquer sentimento de pureza ou respeito pela moral alheia.

Mas o **bond** deve chegar daqui a minutos. Resumamos a narrativa. E assim pro- **(Termina no fim da revista)**

TROTSKY DESTERRADO

ELLE foi com Lenine o constructor da Russia nova. Lenine foi para o exilio da morte. E deixou uma lembrança que ainda termina canonizada. Trotsky ficou. Mas os seus companheiros e discipulos fizeram com elle aquillo mesmo que o governo do Tzar fazia com a gente cahida em desagrado: desterro. Primeiro foi a Siberia. Depois, o mundo. Mas o mundo não quiz saber de Trotsky. E o ex-chefe do Exercito Vermelho teve que contentar-se com uma ilha. A vida em Prinkipe, no mar de Marmara, ao menos é tranquilla. Para esse rebelde banido, a reclusão de agóra representa uma verdadeira agonia mental e espiritual. Pescar e escrever póder servir de distracção para um chefe activo nas fileiras de frente da revolução, mas não são um modo de vida para um ente de energia incansavel e de um temperamento nervoso.

Parecia de começo que o isolamento involuntario restabelecera a saude vacillante de Trotsky, deixando-o, porém, vencido. Elle não vê qualquer possibilidade de mudar-se para a Allemanha, Inglaterra, França ou outro paiz occidental, dos que se recusaram a admittil-o no começo deste anno. Não abandonou ainda a idéa de seguir para a Europa Occidental na primeira opportunidade, mas sabe que essa opportunidade é mais remota do que nunca. Claramente se sente que aproveitaria qualquer ensejo para fugir á actual existencia.

Commentando as noticias de que deveria tentar a readmissão na União dos Soviets, dado que os seus correligionarios Radek, Smilga e outros já regressaram a esse organismo pelo caminho da capitulação, Trotsky deixou transparecer que considerava a submissão politica como um um instrumento conveniente para abrir a porta do Soviet.

"A minha volta á União do Soviet, disse elle, depende de factores que não pódem ainda ser previstos".

O jogo da espada e a pesca tornaram

TROTSKY

as principaes distracções do grande homem. "Pescador do Luar" é o appellido que lhe deram os ilheus. Algumas vezes Trotsky pesca doze e quinze pequenos peixes e algumas vezes pesca tambem lagostas. Usualmente Trotsky dá tudo o que pesca ao barqueiro que o transporta, o qual lhe cobra um dollar por dia pelo trabalho. Mas, mesmo nesses passeios innocentes, é sempre seguido por um "detective" armado. Os photographos turcos, que não conseguiram permissão para photographal-o em casa, apanharam photographias delle, acompanhando o bóte em que ia pescar; mas o antigo chefe pediu á policia turca que lhe evitasse esses aborrecimentos.

Trotsky entretem uma larga correspondencia mundial, não sómente com editores e amigos politicos, que os tem em todos os paizes, como tambem com os seus companheiros exilados na Siberia e na costa do Mar Negro.

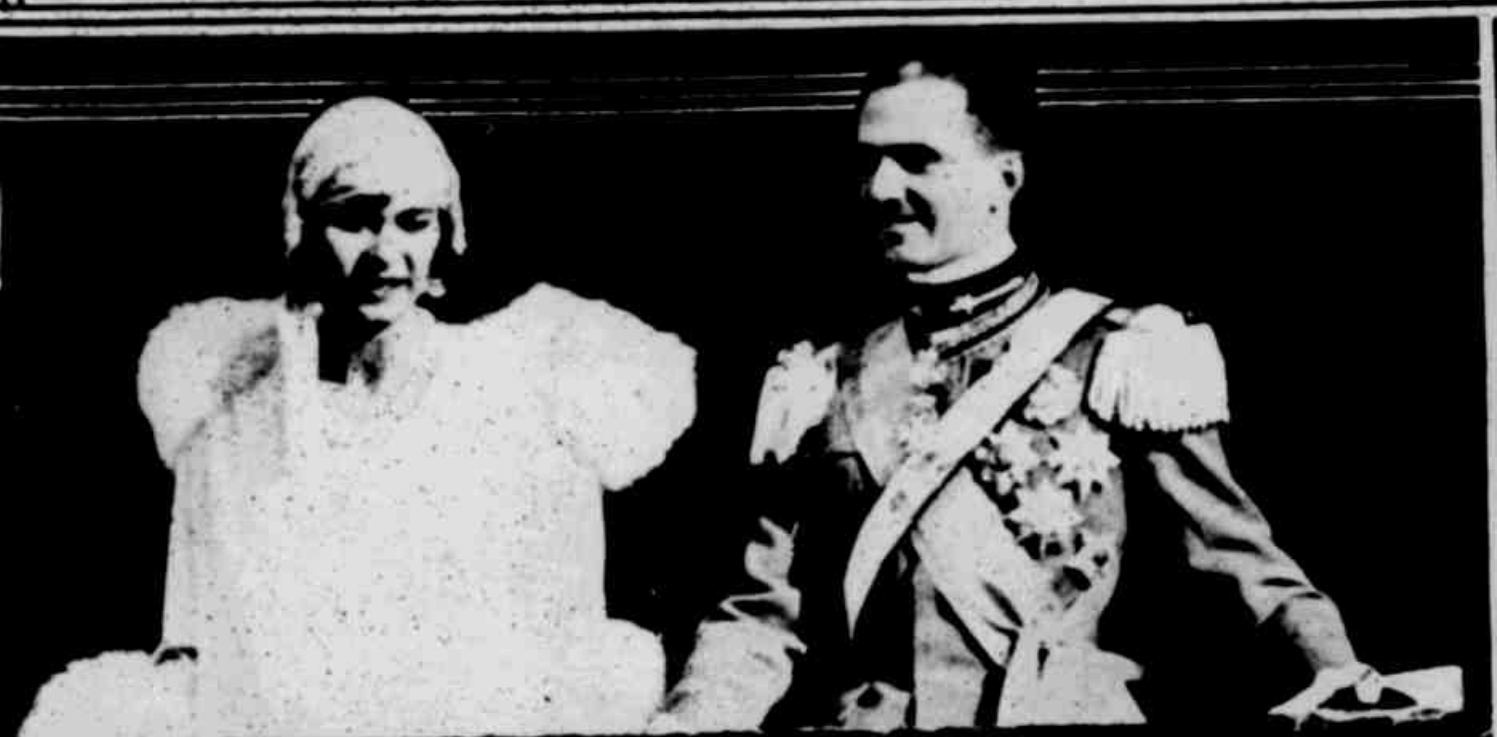
Encara com uma certa amargura a sua vida actual, mas não formula queixas. Não esconde nas palavras a inquebrantavel energia do homem extraordinario que é, tendo occupado em dado momento, na sua terra, uma posição de enorme poderio, só comparavel á do proprio Lenine.

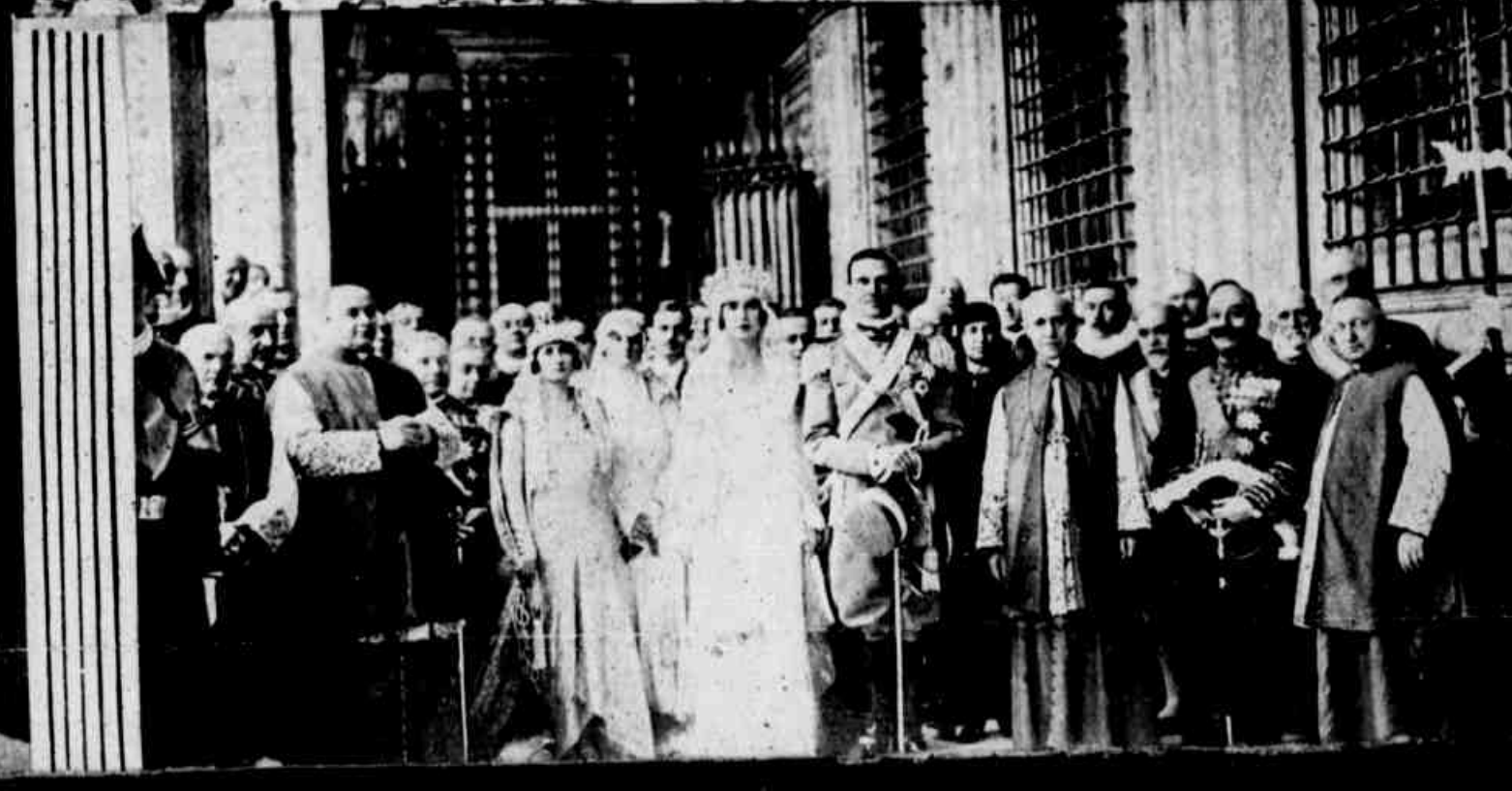
Suspeita-se, no entanto, de que aproveitaria qualquer opportunidade para voltar á União dos Soviets, desde que o pudesse fazer dignamente.

Trotsky e sua esposa a senhora Natalia Ivanovna, que conta 46 annos de edade, habitam, com seu filho Leon Leonovitch, de 23 annos, a ilha de Prinkipe, acerca de 10 mezes. Natalia Ivanovna fez-se muito popular entre os ilheus, graça aos seus passeios diarios ao mercado, afim de adquirir o necessario á sua casa.

Leon Leonovitch tambem passeia frequentemente pela ilha, de onde se retira sempre que deseja, indo a Constantinopla duas vezes por semana, para trazer as encommendas do pae, a quem é profundamente afeiçoado.

Esse rapaz não tem tido uma vida tranquilla. Com onze annos encontrou-se sob o fogo das metralhadoras, durante os combates revolucionarios de Petrogado; e, nas vesperas da revolução bolchevista, costumava levar alimentos e cigarros a seu pae, que se encontrava na prisão. Ha quatro annos que é casado e deixou sua esposa e um filho de tres annos em Moscou, afim de acompanhar os paes, primeiro ao centro da Asia, em Janeiro de 1928, e depois a Constantinopla, em Fevereiro do anno findo. Um joven secretario francez e uma secretaria russa, completam os membros da casa de Trotsky que tem tambem uma criada russa

Casamento de Principes

Em cima, á direita: as costureiras da Casa Ventura de Milão, trabalhando na cauda do vestido de noiva da Princeza Maria José; só essa cauda custou cento e vinte contos da nossa moeda. — Em baixo, á direita: os recem-casados caminham para a capella do Vaticano com os mais altos dignatarios pontificios.

Em cima: os Noivos recebem a bençam do Papa, depois da cerimonia nupcial, deante do tumulo de São Pedro. — Recebendo as acclamações do povo romano, que se vê no cliché da direita. — Humberto e Maria José quando chegaram ao Vaticano, já casados, em visita ao Chefe da Igreja.

A bordo do "Almirante Jaceguay", quando Didi Caillet embarcou para o Paraná, no dia 23, que foi um dia tristonho para a terra carioca, que quér muito bem á linda curitybana.

Senhor Homero Pires, que representa a Bahia na Camara dos Deputados e no mundo intellectual do Rio. Elle acaba de publicar um livro excellente sobre "Junqueira Freire", o poeta monge, livro itinerario, guia que léva a gente a logares e a pensamentos do Brasil esquecido e conta amavelmente de coisas bonitas feitas por creaturas boas.

Dia e Noite

Ali naquelle cajueiro
Cheio de flor,
Ella jurou pelo cruzeiro
E por Jesus o seu amor.
Jura subtil, feita em segredo,
Que mal ouvi quando me disse
Toda a tremer, talvez de medo,
Ou de pudor ou por meiguice...
O olhar então ao Céo ergui,
Mas lá em cima o Céo não vi,
Nem mesmo vi o proprio Dia,
Pois Dia e Céo, sómente aqui
Dentro de mim, sómente, havia!

Tempos depois fui mundo fóra,
A padecer
A dôr que aos poucos nos devora
Toda a alegria de viver.
No coração me floresceu
Tanta ternura e suavidade
Que o coração tudo soffreu
Do que se soffre por saudade!
Mas quando pude ali voltar,
Buscando a Vida na doçura
Daquelle meigo e puro olhar,
Só encontrei a desventura
De nunca mais a encontrar...

E vi aquelle cajueiro
Sem uma flor,
Despido agora por inteiro
De folhas, ninhos e verdor:
No espaço — os galhos nús, e o bando
De folhas seccas, pelo chão,
O cajueiro era um pastor
Quasi sem vida, apascentando
Rebanho morto de illusão.
E novamente o olhar ergui
E pude ver o Céo e o Dia,
Pois no meu peito, então, eu vi
Que Noite só, agora havia!...

Gilberto de Andrade

Elza Gomes, Olga Navarro, Aracy Côrtes, Lygia Sarmento, Eugenia Brazão e mais duas collegas que jogaram contra o team campeão do Vasco, domingo, e venceram cangissimamente. Os quatro palhaços que completaram o team.

Pela Casa dos Artistas

Jayme Costa, Mesquitinha, Teixeira Pinto e outros que foram do palco para o campo e mostraram que são campeões em qualquer parte. Como lhe cheirou a theatro, o publico tambem não compareceu.

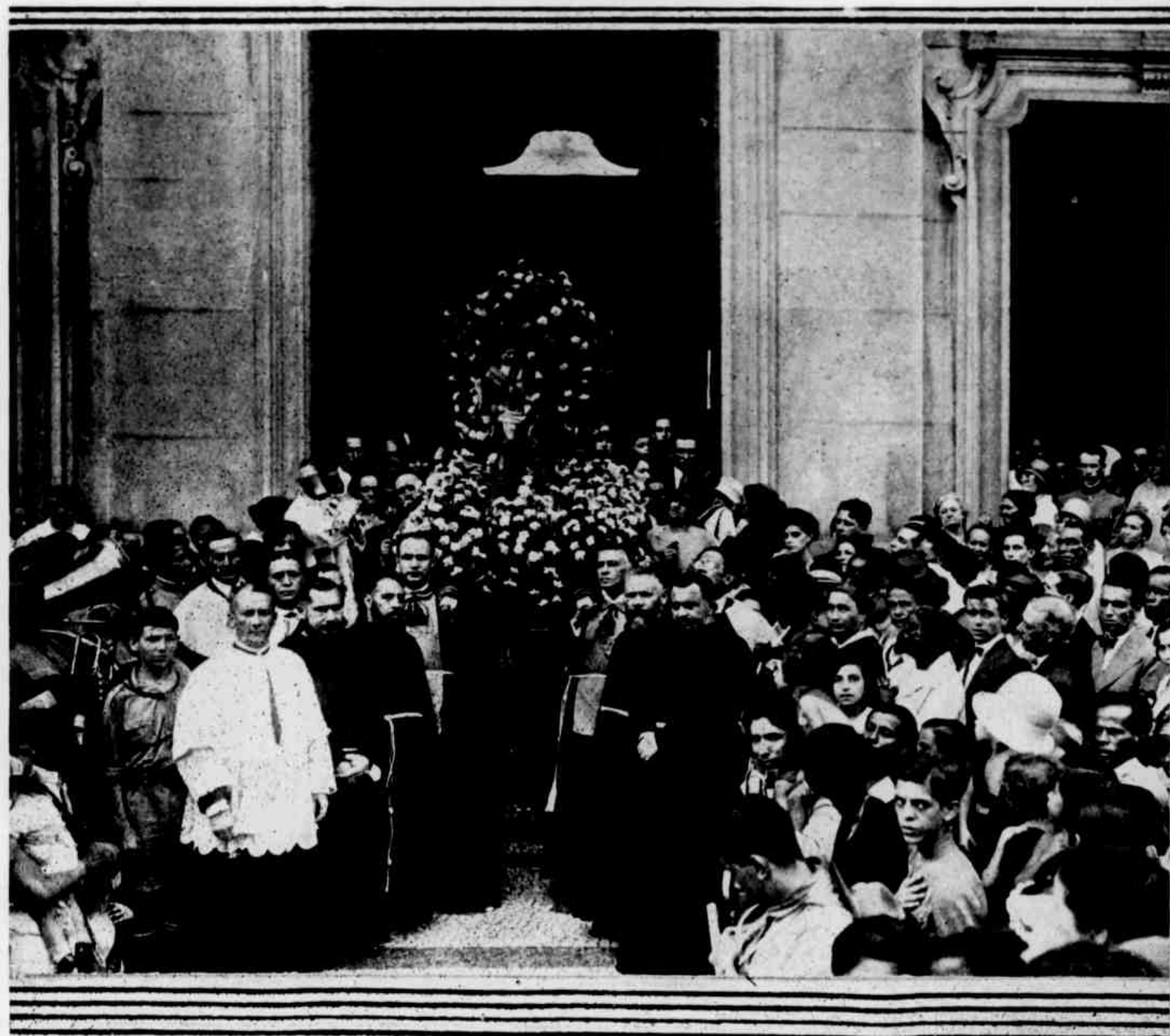
O Padroeiro

do Rio

passeou pela sua cidade

São Seb

ebastião

Aspectos da grande procissão de domingo passado

O casal Jacintho Toller—Margarida Vaz Toller festejou no dia 21 deste mez as suas bodas de prata e reuniu na bella vivenda da Avenida Paulo de Frontin pessoas amigas que lhe fizeram uma festa cordialissima. No grupo está o casal com seus filhos Irene, Iracema, Ivette e Rubem e senhoras e senhoritas presentes.

Pá de cal

GALERIA DE QUADROS

Numa casa fidalga em Botafogo, a gente
Tem a impressão de estar nalgum museu. "Voilà":
Quadros em profusão. Um "nú" naturalmente
Feito de uma das mil banhistas de Chabas.

A Gioconda sorri mysteriosamente...
Ha um galgo e uma mulher de De La Gandara.
Madame Récamier num cavallete, em frente,
"Nonchalante", no seu divan, sonhando está.

Um "cravo" adormeceu num minuette á franceza.
Tudo enche a casa de uma harmoniosa belleza...
Mas a gente ao entrar logo percebe que

Numa moldura oval que o cinge e acaricia,
Um velho portuguez de monoculo espia
As pernas finas de Madame Récamier.

A MALDADE DO ESPELHO

Mal rompia a manhã, Maria Helena
Deante do espelho, trefega, se via:
Cada vez mais bonita e mais morena...
Ha quantos annos? Ella não sabia.

O tempo que ao passar tudo condemna
Respeitar-lhe a frescura parecia.
Hontem Maria Helena dava pena...
Soluçou toda a noite e todo o dia.

Porque, vindo de um baile em S. Clemente
Com a cabecinha cheia de projectos,
No seu riso mais limpido e mais franco,

Foi mirar-se ao espelho e, de repente,
Viu a saltar-lhe dos cabellos pretos
Um grande fio de cabello branco.

João da Avenida

Bençam das espadas dos novos aspirantes do Exercito e dos novos guardas-marinha, domingo, na igreja de Nossa Senhora de Victorias, com a presença dos Ministros da Guerra e da Marinha.

No Centro Paulista durante a tradicional Festa da Seringa, que se realizou, como todos os annos, num ambiente de alegria communicativa, estando presente o Dr. Mario Cardim, Secretario da Prefeitura.

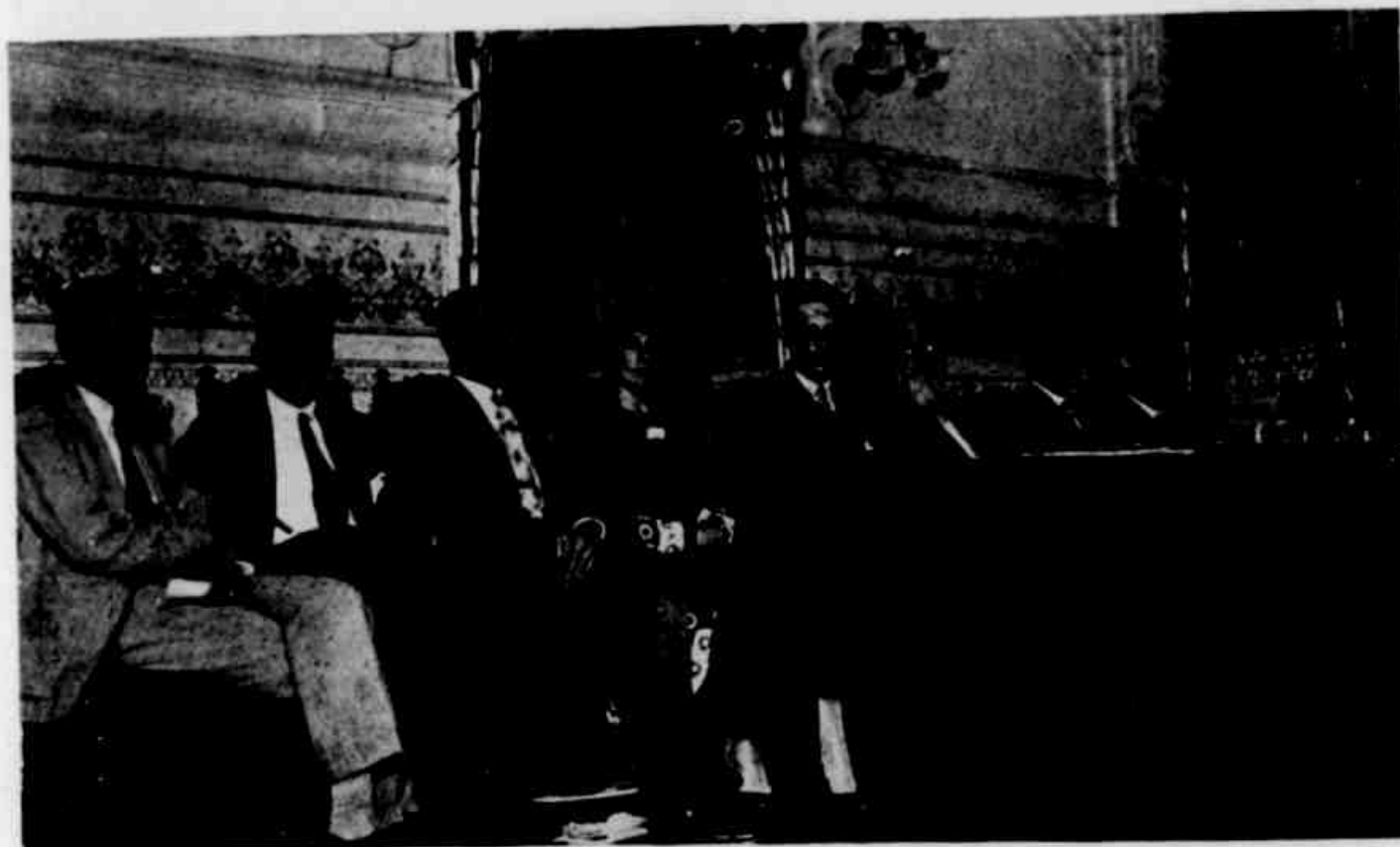
Em baixo: no Palace Hotel, antes do almoço que os consules brasileiros offereceram ao seu collega Joaquim Eulalio em regosijo pela sua nomeação para director dos Serviços Economicos e Commerciaes do Ministerio do Exterior.

Vestidos compridos

"Para todos..." quiz saber si os figurinos novos que Paris lançou agradaram ou desagradaram no Rio. A nossa redactora das paginas "De Elegancia" foi perguntar a senhoras e senhoritas do alto mundo carioca. A primeira palestra de Alba de Mello foi com a senhora Flavio da Silveira, dona Léa Azeredo da Silveira. Essa palestra interessantissima apparecerá em "Para todos..." do sabbado que vem.

Festa em Copacabana

Promette ter o maior brilhantismo a festa que senhoras e cavalheiros da nossa melhor sociedade organizaram sob a direcção da senhora Mello Mattos, para auxiliar as casas amparadas pelo Juiz de Menores. O local escolhido é o terreno sito á rua Salvador Corrêa, perto do Tunnel Novo. Ali, no dia 9 de Fevereiro, de 2 ás 10 horas, haverá musica, barraquinhas para cinema, cartomante, chiromante, refrescos, canções regionaes, sortes, doces, etc. As casas ás quaes se destina o producto desta festa são a mais bella organização de caridade que existe entre nós, pois não só abrigam as creancinhas abandonadas, como as meninas pobres e as menores prestes a ser mães. Um gesto generoso em pról de tão grandiosa instituição é natural que se espere da nossa gente de fundo sempre bom e caritativo.

Em cima: o almoço do Rotary Club, no Palace Hotel, durante o qual foi lançada a idéa de uma campanha efficiente contra o analphabetismo no Brasil. No centro: a mesa que presidiu a primeira reunião do comité provisorio

no salão da Associação dos Empregados no Commercio. Em baixo: os membros do comité provisorio e jornalistas presentes á primeira reunião, que foi orientada pelo senhor Arrojado Lisboa e realizada no dia 22 deste mez.

O perseguido pelas feias

Por DANTE COSTA

ERA Honorato da Silva Junior Assim mesmo.

Baixotezinho, pallido, magro que nem cipó.

Duas coisas sempre foram celebres na vida delle: os seus oculos sem aro e o cahimento que elle tinha pelas mulheres.

Vinha de longe. Mesmo no Quixadá, deixando de lado os oculos que têm pouca importancia nesta historia, a sua actividade dãojuanesca era uma coisa falada.

E absolutamente inutil. Tambem, com aquella magreza, com aquella alturinha, qual era a cabocla que ia olhar pra elle?

Ha gente assim; que nasce pra uma coisa mas vem o destino e põe o sujeito noutro caminho.

Honorato nasceu pra conquistador. Eu tenho certeza absoluta disso. O que elle não teve foi opportunidade pra se mostrar.

Coitado. Veio o diabo, desculpem o destino, e poz nos olhos de todas as mulheres a feiura delle, a altura delle, a magreza delle, os oculos delle Nos olhos e na consciencia.

Dahi essa falta de material para as experiencias sentimentaes de Honorato da Silva Junior.

As caboclas fugiam delle que nem o diabo da cruz. Era uma pena.

Mas um dia...

O circo dos Irmãos Queirolo era a festança de Quixadá.

A Barraca da Sorte dava a felicidade por mil e quinhentos.

Os dois entraram juntos. Honorato, só por habito, olhou e mexeu todo saliente. Rosinha se derreteu logo e ferrou no namoro dali mesmo até o fim do espectaculo.

O namoro foi indo, elle queria se desvencilhar mas não podia. Não vê que Rosinha deixava?...

Geralmente, quando a gente quer falar de alguma cabocla bonita, cheirosa, cabocla de romance, o primeiro nome que vem á bocca da gente é Rosinha. Dá logo a impressão de boniteza.

Essa não.

Era Rosinha, mas... que Rosinha! Feia como ella só. Professora ainda por cima.

Sendo assim, não vê que Rosinha deixava?...

O facto é que, dahi a tres mezes, Honorato olhou-se num espelho e casou. Tinha de ser assim. Que fosse.

Depois, depois é que foi a coisa...

Rosinha era faladora, sirigaita, comia peixe de pelle e a sua feiura não cabia nem no açude de Orós.

E Honorato se arrependeu tanto, disse tanta coisa, fez tanta coisa, que Rosinha terminou azulando da terra. Fugiu.

A alegria pipocou.

Mas não foi pra bem delle.

Parece que o diabo queria era experimentar Honorato.

Se havia aquelle sujeito doido por mulher e o mundo estava cheio de solteironas sem remedio, porque não descarregar pra cima delle?

Porque?

Ora, elle não tinha casado com Rosinha? *Apois...*

Até Lóló Perdigão, uma que a grippe não levou, com medo, se engraçou de Honorato.

Honorato não podia pisar mais no Club Iracema, que era um assanhamento geral.

Como Lóló Perdigão, ainda havia umas oito ou dez que eu não cito com vergonha...

Oh, perseguição!...

Honorato jurou que nunca mais queria saber de mulher e embarcou cá pro Rio.

Matou o conquistador e veio.

A bordo portou-se como gente. Mesmo assim, não escapou: uma alagoana incrivel trouxe Honorato espantado e medroso...

Victoria. Depois Rio de Janeiro.

Certamente foi influencia da natureza. Dos morros. Do edificio da "Noite". Deve ter sido.

O que é certo é que na Praça Mauá o homem mudou.

Tinha tanta mulher bonita que Honorato esqueceu que era feio, que era baixo, que tinha oculos sem aro, esqueceu tudo...

Agora sim. Era impossivel que não houvesse uma, ao menos uma, que não olhasse pra elle...

— Eta, morenãs!

E veio andando com a maleta embaixo do braço e o cearense safado dentro do corpo...

— O coronel quer uma pensão?

Honorato quiz.

Tomaram o auto.

Na viagem, Honorato não disse nada. Mandou tocar devagar, bem devagar e veio olhando pra tudo. Pras mulheres, pros cinemas, pras mulheres, outra vez...

Agora sim...

— Vosmicê me diz, bichinho, ahi na pensão tem disso?

E mostrava. A gente via a alegria do homem.

Parou.

O empregado foi na frente, com a maleta, e Honorato atraz, sorridente, esfregando as mãos. Gozando as conquistas futuras...

— Está aqui a dona...

Honorato olhou 3 vezes pra se convencer.

— Êta, sorte madrasta...

Rosinha, a Rosinha do Quixadá, era a dona da pensão!

Coitado.

Honorato não quiz saber de nada, não ouviu mais nada, não disse mais nada, e sahiu, correndo, zonzo, pela, escada abaixo, até, a rua, cheinha de automoveis...

E morreu.

Reflexo do Combate

O pequeno Stribbling no collo da mãe segue as peripecias do match de box entre seu pae e o gigante Carnera. Durante o rude macth Carnera-Stribbling realizado, ha pouco, no Albert-Hall de Londres, um photographo obteve este commovente instantaneo: A objectiva fixou a expressão de agonia estampada nos dois rostos, no da mulher e no do filho do boxeur americano, no momento em que o gigante italiano o atacava com violencia. Nos traços da esposa, já muito acostumada a essas emoções, lê-se a inquietude e a amargura resignadas. Mas, o rosto do filho mostra, na sua ingenuidade, a surpresa assustada e o immenso desgosto que o afflige, vendo seu pae cahir sob os golpes de um homem mão. A sinceridade desse sentimento infantil foi apanhada e realçada pela objectiva com um relevo espantoso.

E, não desgostando os enthusiastas da "nobre arte", nada é mais entristecente do que ver reflectida, nessa physionomia ingenua, como num espelho, a imagem dolorosa do espectaculo brutal que lhe crispa, com um estupor horrorizado, a bocca e os olhos.

ULTIMA NOITE

João do Rio Escreveu
Oswaldo Goeldi Desenhou

PERDESTE?

— Não, ganhei por treze. Veja você a cabula!

E Armando recebia do parceiro mil réis pela partida de bilhar. Para fazer semelhante aposta fôra preciso a bôa vontade do Jeremias, o principal caixeiro, que emprestára os dez tostões e durante toda a partida levára a peruar, grasnando: "Anda com isso, homem. Pois ainda não ganhaste? Olha que se perdes..." Armando suspirou, bateu com o taco no soalho.

— Vamos outra, parceiro? silvou o contendor, um sujeito livido, de olhar desconfiado.

— Não posso. Tenho onde estar ás sete.

— Quem? você? Qual! o que você tem é medo. Um pichote com uma sorte maluca.

— Ah! filho, quem dá a sorte é Deus.

Mas o Jeremias vinha arrastando as chinellas, em mangas de camisa. E, apanhando as bolas, no panno sujo de giz, a apagar um dos bicos de gaz, resmungou tyrannico:

— Deixa-o lá. Não lhe dês conversas. O dianho perde e ainda se põe com luxos!

Mesmo ali, entregou-lhe a nota do emprestimo, piscou o olho para outro caixeiro, um camaradão esse, foi até á cigarreria receber fiado um masso dos de carteirinha e uma caixa de phosphoros. Accendeu um, vagou um pouco pela atmosphera deleteria do botequim, repleto de cambistas, de vendedores de senhas, de gente que não tinha o que fazer, ao lado de uns typos de torrinha, que trabalhavam o dia para fazer da claque á noite, olhou-se um instante no espelho. Estava pallido, com olheiras, a barba por fazer e o seu collarinho, emprestado. havia oito dias que lhe apertava o pescoço. Sentiu uma tonteira. Fome, de certo. Não comera desde a vespera, e o dia anterior passára-o com uma media e meio pão com manteiga, repartido affectuosamente com o Clodomiro. Iria comer um *beef* no frége.

Sahiu de vagar, desceu a rua do Senado, entrou numa casa de pasto da rua do Espirito Santo, e foi bem para o fundo, com medo dos camaradas necessitados, que talvez quizessem repartir. O caixeiro, um gordo, com o ventre muito grande e o nariz rubicundo, assentou as duas mãos na toalha suja, e desfiou deante delle a lista cantada das iguarias. — Um *beef* e um caldo verde.

— *beef* depois?

— Está visto.

— Salta um caldo verde! ladrou para dentro o homem.

Armando pediu tambem vinho. Logo que o caldo lhe cahiu no estomago, um calorzinho agradavel percorreu-lhe o corpo, e o estomago pareceu-lhe que acordava — o seu bom estomago, amigo ás direitas, sem exigencias, sem queixumes, um estomago que perdera a noção do jantar e do almoço e parecia dormir-lhe nas entranhas. Devorou o caldo com grossos pedaços de pão, devorou o *beef* sorveu a meia garrafa de vinho, mastigou duas bananas. Oh! Tinha fome para muito mais! O proprietario, porém, não fiava, e já era muito aquelle jantar. Apanhou os nickeis do troco, sahiu, com as mãos nos bolsos, e verificou no meio da rua que não tinha nada a fazer. Era um homem, completára vinte annos, conservára rijos os musculos e cheia de ambições a alma. Entretanto estava ali, na calçada, como um trapo, ao deus-dará da vaga humana, sem trabalho, sem morada. Para onde iria elle, coitado? Era onde calhasse que havia de dormir. Talvez ceiasse. E talvez no dia seguinte encontrasse um emprego! Quantas desillusões e a quanta coisa descera para arranjal-o! Lembrou-se de que uma grande influencia politica, um senador, olhando-o muito intimamente, dissera-lhe:

— Veremos, ainda se póde arranjar...

Ainda se póde! Armando sorriu. Ora se ainda! Os seus orgulhos, e sua altivez, a noção de honra, de hombridade, de vergonha tinham, naquelles quatro mezes de miseria, se adalgaçado assaz. Tudo é tão relativo neste mundo! Quando está a roupa no fio e o estomago vazio está, tira-se partido mesmo do que nos repugna ao menos para jantar. E elle, perdendo a côr da face, impondo ainda o seu typo sensual de adolescente, entrava em intimidades perigosas, arranjava pequenas ladroeiras mais perigosas que grandes roubos, mettia-se em historias inconfessaveis, e lentamente, cada dia, descia mais.

Aquillo acontecera a tantos! Elle viera da terra remettido a um tio padre, que vivia, em mancebia com uma cabrocha gorda, para os lados da Penha. Era forte, airoso e com essa sensualidade á flor da pelle que só têm os homens de Portugal. Por causa da cabrocha o tio despachara-o para uma taberna da cidade. Elle ia indo bem e assim passou dois annos. Mas um dia uns camaradas lembraram ir ao theatro, a uma grande revista de certa companhia portugueza. Foi, de terno novo, com um ramo de violetas á lapella. Nunca vira um theatro. Apaixonou-se por todas as mulheres, começou logo a considerar os comicos grandes homens. Nessa noite esperou a sahida dos artistas. No dia seguinte, apezar de tomar conta da taberna, ás onze horas, sahiu pé ante pé para não acordar os outros, bateu a porta e voltou ao theatro. Como não tivessem percebido a sua fugida, todas as noites deu para fazer o mesmo. Estava de dia a cahir de somno, mas já conhecia os coristas, já dizia a sua piada ás coristas, já o porteiro da caixa lhe pedira dinheiro para o deixar passar, e uma artista, a Etelvina Soares, uma de pernas grossas, já lhe passara duas cadeiras de beneficio. O theatro, a caixa, os artistas exerciam a sua fatal tentação e para a folia da noite Armando cortava na gaveta do patrão uma feria permanente. Mas, ao voltar uma noite á taberna, encontrou de pé, á porta, o patrão a bufar de colera, que o espancou furiosamente, insultando-o a berrar:

— Pensavas, patife, que eu não viria a saber!

Elle foi digno. Que importavam empregos? Exigiu as suas contas, recebeu economias de dois annos, que o patrão, com a ameaça da policia, déra immediatamente, e cahiu no oceano daquella vida seductora, despreoccupado e feliz. Passava os dias nos ensaios, nas bodegas de artistas meio esfomeados, passava bilhetes de beneficios. As mulheres não o amavam, mas elle conhecia todas; os grandes comicos não lhe sabiam o nome, mas elle, Armando, conhecia-lhes todos os papeis, tinha opiniões, criticava, sabia de cór uma porção de coplas. O ar pe-

...A poesia mysteriosa da sua luz...

sado d'aldeia desfizera-o a vida da cidade; o tom grosso de caixeiro, aquelle roçar com comicos transformára. Acabou por desprezar os seus antigos collegas, e na noite de despedida da companhia, no embarque da mesma, fez loucuras enthusiasmo. Ah! aquillo é que era! Mas já não lhe restava mais nada das economias e era preciso empregar-se. Empregos! Todas as portas se lhe fechavam nas casas de commercio, sabendo do tempo em que estivera desempregado. Alguns sabiam mesmo a historia, e o proprio Armando sentia não poder mais voltar áquelle trabalho, emquanto os dias iam se passando pelos theatros, pelos botequins, á cata de dinheiro, amoldando-se ainda mais á infamia, aos desejos mysteriosos, ás pandegas das noites. Por ultimo era aquillo: sujo, com fome, sem ter onde dormir, e entretanto julgando-se mais, reagindo contra uma resolução que o fizesse mandar buscar pelos paes ou de novo o puzesse a trabalhar. Que vida!

...Na luminosidade da manhã

Armando parou á porta de um botequim numa roda de actores principiantes, de contra regras, de figurantes. Ha sujeitinhos lavados, bem como os coristas, ha typos em mangas de camisa, ha tambem estomagos vazios. São conhecimentos das noites passadas em claro nos cafés-bilhares, nas baiucas fetidas de jogo. Armando olha um sujeito de grosso bengalão: é o chefe da claque. Cumprimenta-o, fala-lhe.

— Não tem disso, não! Fomente-se!

Mas é bom, dá-lhe uma senha. De posse da entrada, o rapaz põe-se logo a andar, embarafusta pelo theatro, atravessa o jardim sem ver ninguem, entra na caixa, sóbe uma estreita escada de quatro ou cinco degráos, atravssa um monte de scenarios velhos, que de vez em quando sáhem da poeira lethargica para um espectaculo de arromba. Vira á esquerda, passa pelo panno do fundo para a carreira de camarins das notabilidades, sóbe outra escada, dá em meia duzia de bricoetes. Armando abre um. E' o do actor Espinola. Quem é o Espinola?

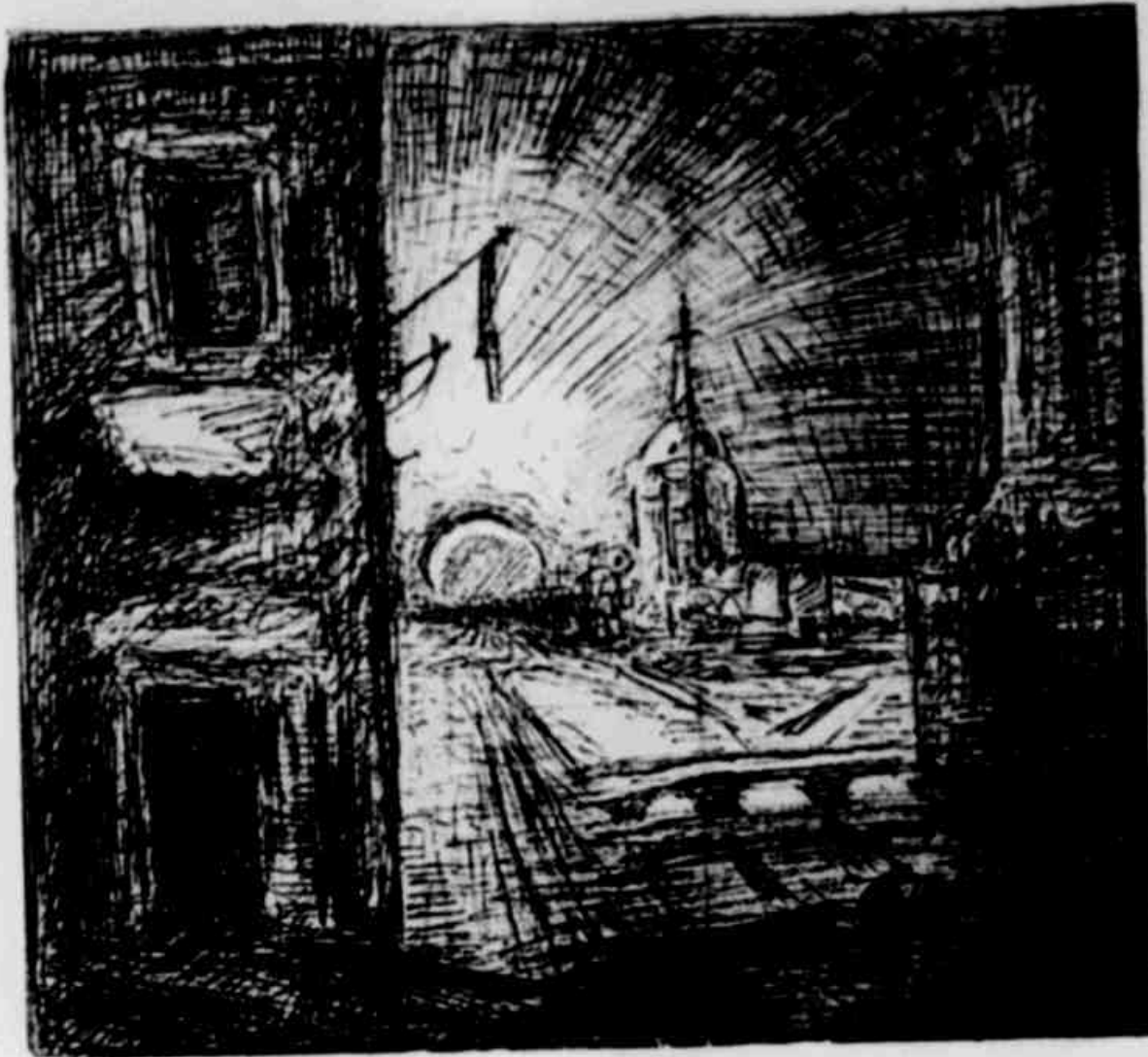
Ninguem sabe. O Espinola foi commerciante, apaixonou-se pelo theatro, passou miserias atrozes, e vive agora de fazer pontas com cento e cincoenta mil réis por mez. E' timido, é assustadiço, e tem piedade pelos outros.

— Então, que ha?

— Parece que a companhia dissolve.

— E' o diabo. Vamos para o interior? Com quem?

— Um pequeno grupo...

Espinola pinta-se mal e dá informações. Com os olhos queimados, a face oleosa pela falta de repouso, Armando ouve-o. Lá em baixo tocam um grande sino. Vae começar. Espinola sáe. Armando diminue a luz do gaz, tira o casaco e deita-se na mala. Dormir, não pensar, dormir apenas... E dorme, dorme um somno máo, fatigante, interrompido pelas entradas do Espinola, cortado de toques de sino, de inferneiras de mulheres, de gritos, de musicas. Faz no camarim uma temperatura de caldeira. Afinal, á meia noite, Espinola accorda-o. Terminou o espectaculo. Armando lava a cara, penteia o cabello, prepara-se, sáem os dois de vagar. Espinola não tem amantes, e por uma evidente infelicidade, Armando não arranjou nenhuma. Tomam café no largo do Rocio. O bom Espinla, que habita um commodo com mais cinco pessoas, despede-se. Armando, só, sem coragem, volta de novo ao botequim onde ganhou dez tostões. Ha como elle outros rapazes, ha coristas, ha typos réles. A's vezes fazem-se pandegas. Mas naquella noite ir amanhecer no Leme ou no Mercado? Não, não é possivel.

Os botequins vão fechando, rareia o transito. Passa de vez em quando um bonde. Apparecem os varredores da Limpeza Publica, numa nuvem suffocante de poeira. Armando está ainda á esquina, mastigando a ponta do cigarro. E vê então que ha luar. A lua cheia, muito languida e muito pallida, estende pela casaria a poesia mysteriosa da sua luz. Oh! a velha lua! Como consola os tristes e os desgraçados! Armando vae indo a pé, olhando o céo, olhando a lua. Desce as ruelas escuras, dá no gradil do campo de Sant'Anna, rescendente de aromas sylvestres. Tudo é calmo, tudo é docemente quieto. A brisa leve embala os ramos das arvores num suave perpassar, e do alto, amplo, como uma amphora de consolo e bemaventurança, o astro derrama a delicia tranquilla do seu esplendor. Não poder saltar aquelle gradil, estender-se na relva, offertar-se á lua numa longa hora de choro e de lagrimas... Dóe-lhe tanto o estomago! Vae até á Central, já com os fócos apagados. Ha uma negra vendendo mingáo para uma roda de noctambulos: marinheiros e soldados ebrios, fufias de galhinho de arruda e chinellas, sujeitos ambiguos de calça balão. Palavrões choviam. A negra lavava a louça, e ao seu lado um canzarrão cinzento, com vestigios de lepra, roncava. Um momento hesitou. Tomaria o mingáo? Mas a viagem? Não! Era melhor dormir, tranquillo.

Uma roda de noctambulos...

Entrou, caminhou até ao saguão, foi até ao embarcadouro. No saguão havia o vigia a dormir. Na *gare*, um cavalheiro passeava de vagar com uma formosa senhora. Elle parecia radiante, e ella tinha esse olhar amortecido que as mulheres têm quando querem saber mais alguma cousa na vida. Um perfume delicado errava á sua passagem, e quando ella ria, o seu riso animava a tristeza sombria da estação.

Armando não olhou sequer. Preoccupava-o a bilheteira. Quando a viu aberta, comprou um bilhete de ida e volta para o suburbio, correu a um *wagon* de segunda classe, estendeu-se refesteladamente. Estava só. Ia dormir!

Pouco depois soaram campainhas. O chefe do trem acenou para o machinista com um lanternim de vidros vermelhos e verdes, um silvo partiu, houve um ranger de ferros. O trem moveu-se, a principio de vagar, depois vertiginosamente, deixando na corrida louca o renque do casario, as duas fitas de combustores.

— Praia Formosa! grita o conductor, saltando para a plataforma.

Entram alguns individuos, talvez cocheiros. Falam de burros, de atrasos, de parelhas.

— Faz obsequio do seu bilhete.

Armando abre os olhos. No *wagon*, o diminuto numero de pasageiros tem um ar de somno e de fadiga. Havia gente vinda dos bailes, das typographias, do trabalho, e muitos, tambem como Armando, lá se achavam apenas para passar algumas horas fóra do relento. Uns vinham estirados sobre os bancos; outros apenas cochilando. Armando reconhecia-os, sem pena, indifferente. Tinha que ser. Talvez alguns tivessem ainda a pensão do jantar. Elle sim, elle é que, longe da familia, longe da sua terra, sem auxilios, descia a rampa da vida certo de encontrar o abysmo, mas incapaz de soltar um grito — por falta de coragem, por falta de energia, porque tinha de ser... Um soluço sacudiu-lhe o peito. Para occultar as lagrimas, puxou as abas do chapéo, virou o rosto. O trem continuava a galopar, sacolejando os corpos. Os campos inundados de luar passavam numa visão branca. E, de repente, Armando sentiu um bem estar. Ia caminho da casa, tinha menos quatro anos. Era tarde, o pae ralharia, mas a mãezinha lá estava á espera, com o fogareiro de espirito, para aquentar o café.

— Bôa noite, mãe.

— Meu filho, baixo. Olha teu pae. Por que veiu assim tão tarde? E suado, com este frio da noite!... Não vás apanhar uma constipação.

(Termina no fim do numero)

FELICIDADE

COMEDIA EM 3 ACTOS

DE BRASIL GERSON

(CONTINUAÇÃO)

O porteiro — Ninguem.

Elvira — A chave...

O porteiro — (Dá-lhe a chave e começa a assobiar um tango novo, fazendo signal para Evaristo.)

Evaristo — (Em attitude languida, canta e a sua voz parece que suggestiona Elvira. Ella approxima-se delle, romanticamente.)

Elvira — Como o senhor canta bem!

Evaristo — Acha?

Elvira — Ha um sentimento exquisito na sua voz... Uma coisa que prende o coração da gente...

Evaristo — Não é a minha voz... E' o tango...

Elvira — A melancolia do tango... A gente lembra-se dos amores que passaram e tem vontade de amar outra vez... O senhor não ama?

Evaristo — Ando á procura de amor... De uns olhos humidos... De um coração que me comprehenda...

Elvira — Ha tantos por ahi... E' só escolher...

Evaristo — Tantos? E' possivel... Mas são corações que não sabem comprehender outros corações amargurados...

Elvira — Que pessimismo...

Evaristo — E porque não? Sou um incomprehendido...

Elvira — Das mulheres?

Evaristo — Das mulheres.

Elvira — Eu tambem... Dos homens... Puz o meu coração na vetrine destes olhos humidos, que pedem amor, e ninguem quiz saber delle...

Evaristo — E se eu lhe dissesse?

Elvira — O que?

Evaristo — Se eu lhe dissesse que vi, na vitrine dos seus olhos humidos, um coração que eu quero para mim?

Elvira — Eu seria uma mulher feliz...

Evaristo — Com os meus cincoenta annos?

Elvira — O amor não depende da idade...

Evaristo — Do que depende então?

Elvira — Do amor...

Evaristo — Nós dois unidos pelo amor...

Elvira — Que coisa tão linda...

Evaristo — Viveremos lá longe, numa casinha pequenina... (Cantando) "Você sabe de onde eu venho? E' de uma casinha que eu tenho. Fica dentro de um pomar..." A casinha... O pomar... Uma vacca leiteira... O sabiá que canta na verde matta... Romantismo... tudo isso se chama felicidade...

Elvira — A casinha pequenina... A vacca leiteira... Um amor sem graça... Eu quero um bangalô no Jardim America e uma barata Cadillac. Você me dá, meu amor?

Evaristo — Eu sou o ultimo romantico sobre a terra. A minha felicidade está na casinha pequenina onde o meu amor nasceu... (cantando com mais coração) "Você sabe de onde eu venho? E' de uma casinha que eu tenho. Fica dentro de um pomar...

Elvira — (Levantando-se, numa attitude inesperada, sahindo) Talvez te escreva...

O porteiro — (Bebe outro gole)

Evaristo — Numa attitude incrivel) Jacob, ellas não gostam de mim!

O porteiro — Tenha paciencia. O amor é uma surpreza.

Evaristo — (Aproximando-se do balcão) Eu não posso mais... Tenho a vida tão vasia... Nenhuma saudade de mulher... 50 annos que se perderam, Jacob...

O porteiro — O senhor ainda póde viver mais 20... 20 annos bem vividos valem por uma vida inteira... No fim ha o recurso dos macacos...

Evaristo — Mas eu preciso o amor com urgencia... Eu preciso de uma aventura... Vou para a Hespanha receber a minha Sorte Grande...

O porteiro — A sorte grande resolverá tudo...

Evaristo — E que papel vou fazer eu na Hespanha, com a sorte grande, quando as hespanholas me perseguirem? Você sabe o que é a Hespanha, Jacob? Aquellas têm fogo! Devoram a gente com os olhos! Dansam dansas vibrantes dentro do coração da gente! E eu sem nenhum treno no meio dellas... Que escandalo!

O porteiro — Não desanime, Dr. As mulheres apparecem quando a gente não espera. Quando a gente espera, ellas não apparecem...

Evaristo — Eu estou muito abatido. Vou ver a vergonha do Brasil na Hespanha... (Nisto ouve-se fóra um grito de mulher. Sensação dos dois.)

SCENA VI

OS MESMOS e UM outro HOMEM e uma MULHER

O homem — Ou serás minha ou não serás de ninguem! (e puxa um revolver.)

A mulher — Este homem está louco! Quer que eu seja delle! Defendam-me! (Fita Evaristo. Os seus olhos illuminam-se) Meu marido!

O homem — (Com espanto) A senhora era casada?

A mulher — Com Evaristo... Defenda-me, Evaristo!

O homem — (Com o revolver na mão, mas retirando-se de costas.) A senhora era casada?

A mulher — (Reparando Evaristo com emoção sem que Evaristo saiba o que fazer.) Meu salvador! (O porteiro bebe a garrafa inteira e o panno Cae.)

(Fim do segundo acto)

TERCEIRO ACTO

(Um bar de estylo muito momoderno. Paredes pintadas de cinza e violeta. Penumbra. Um jacto de luz como se fosse um raio de sol. O **barman**, debruçado sempre sobre o balcão, por dentro, é o mesmo sujeito que era antigamente porteiro do hotel do 2º acto. Usa um chapéo alto branco, como esses chapéos dos homens que tomam conta dos frios nos hoteis de luxo. Tem agora uma outra mania: canta do começo ao fim do acto, ás vezes inteira, ás vezes aos pedacinhos, a canção de Hekel Tavares. "Felicidade", num mixto de allemão e brasileiro.)

SCENA I

O BARMAN e TOBIAS

Tobias — (Entra e senta-se.)

Barman — (Que fala como os allemães de Santa Catharina) Doutor...

Tobias — Whisky...

Barman — John Haig?

Tobias — Especial... (Tira o chapéo e põe sobre uma cadeira. A bengala tambem. Tira o relogio do bolso e fica olhando para o relogio.)

Barman — John Haig...

Tobias — Você tem horas?

Barman — Cinco horas da tarde. Hora certa.

Tobias — Estou hoje adiantado uma hora na vida.

Barman — Será possivel?

Tobias — O meu relogio está marcando seis horas...

Barman — Isso não quer dizer nada...

Tobias — Não quer? E' o que você pensa... Uma hora a mais na vida de um homem póde ser uma desgraça...

Barman — Ou uma felicidade... Questão de destino...

Tobias — Você acha que a gente nasce com o destino traçado?

Barman — Eu acho que nasce.

Tobias — Pois eu acho que não nasce. O destino é uma coisa que acontece. A's seis horas eu tinha que ver a minha noiva. Uma creatura linda. A minha felicidade. Cheguei uma hora adeantado. Tenho que esperar. Essa espera póde modificar por completo o curso da minha vida.

SCENA II

OS MESMOS. A MULHER DE PRETO

A mulher de preto — (Entra e senta-se na outra mesa.)

O Barman — Madame...

A mulher — Cherry Brand...

O Barman — (Serve)

A mulher de preto — (Olha para Tobias e sente um choque. Tobias percebe. Acende um cigarro. O Barman serve e sae. A mulher de preto continua olhando com insistencia para Tobias, e Tobias olhando, admirado, para a mulher.)

A mulher — (Sentando-se na mesa de Tobias.) Bôa tarde...

Tobias — Bôa tarde...

A mulher — E' extranho...

Tobias — O que?

A mulher — Este encontro... Ha cinco annos que eu andava á espera...

Tobias — De mim?

A mulher — De alguem que se parecesse com você...

Tobias — Commigo?

(CONTINÚA)

O GAROTO DE MODIGLIANI

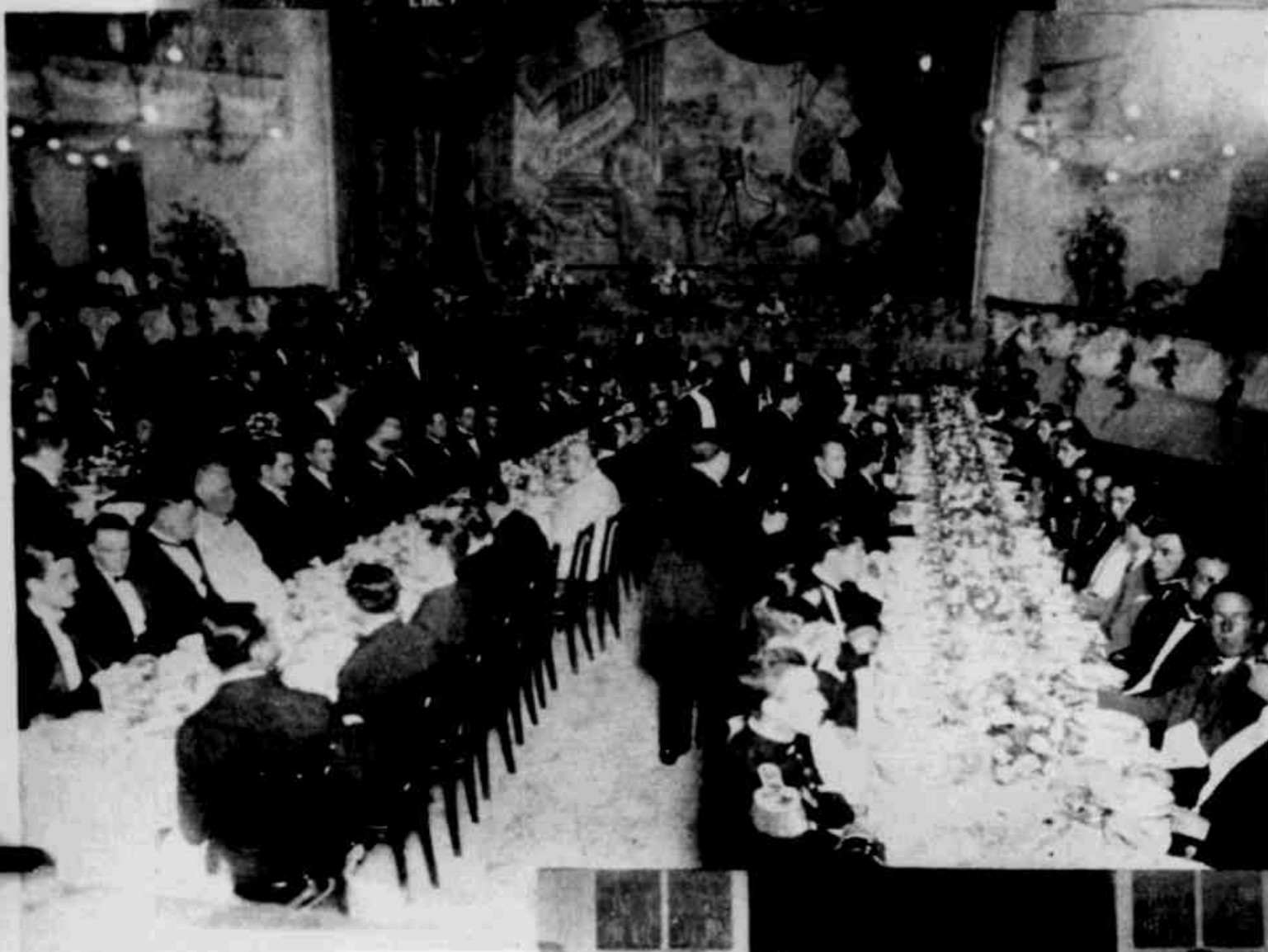
Alice White, uma das deusas do Broadway

Alice White tomou parte, realmente, no film "Deusas do Broadway", no qual cantou

Broadway Baby Dolls

Esta é uma das muitas composições de autores americanos, adquiridas por "Para todos..." e "Cinearte" do Sr. Harry Kosarin, distribuidor autorizado das musicas e dos films synchronizados. "Para todos..." e "Cinearte" começarão a publicar os lindos fox, as bellas valsas, as enthusiasticas marchas de que têm exclusividade para o Brasil, e acompanhadas da letra em inglez e em portuguez, ainda em Fevereiro corrente.

Chegada a Campos

Baile no Automovel Club, vendo-se o Presidente do Estado e o Presidente do Club, ladeados por senhoras e altas autoridades.

Durante o banquete no Trianon.

No Palacete Attilano com os donos da casa, o Bispo D. Henrique, o Prefeito Sobral e outras pessoas gradas.

Baile no Automovel Club: a senhora

O Presidente do Estado do Rio

Fixamos nestas paginas aspectos diversos, e todos interessantes e significativos, das homenagens recebidas na cidade de Campos pelo presidente Manuel Duarte, quando da recente visita do primeiro magistrado fluminense áquelle grande emporio industrial e agricola. Desde o seu desembarque, na Estação do Sacco, até

Chegada a Campos

A mesa que presidiu a sessão da Camara Municipal em honra do Dr. Manuel Duarte. Instantaneo batido quando falava o Vice-Presidente.

Antes do banquete no Trianon

Alvaro Neves entre senhoras campistas

O Presidente Manuel Duarte agradecendo o banquete que lhe foi offerecido no Trianon.

Em visita a cidade de Campos

o palacete Attilano, onde se hospedou, acompanhou a S. Ex. toda a população campista, representada pelos vultos de maior relevo de todas as suas classes sociaes. O excepcional brilhantismo dessas homenagens dizem bem do grão de identidade, com o povo, do governo tolerante e esclarecido do illustre Sr. Manuel Duarte.

Casa de construcção recente na rua Julia da Costa.

Rua Julia da Costa

Paranaguá

POR

ALUIZIO DE ABREU

Igreja da Ordem III (São Francisco) na rua 15 de Novembro.

NÃO ha nada que toque o coração, como a paizagem da terra natal.

Li essa phrase não sei onde. Nem mesmo sei se já a vi escripta. Talvez que descesse, neste momento, para o papel, num pingo forte, do bico da "Leonardt" dourada.

Quem sabe?...

Hontem voltei á Paranaguá, onde nasci na casa que ainda demora á sombra de annosa castanheira.

Grande ansia de progresso.

Os predios antigos, de construcção e esthetica coloniaes, vão fugindo do centro da cidade.

Começam a crescer os edificios novos, pintados de novo, com tintas de côres novas.

E' uma festa para a alma da gente, esse evoluir da velha terra!

Em vendo-a assim, com vestido novo, a felicidade vae morar no coração da gente.

Que alegria!

Estão desapparecendo os terrenos baldios, onde a mamoeira dava cachos — uvas de oleo — fornecendo "material bellico" para as batalhas infantis. Que pena! Mas consola ver ali, detrás de gradis de imbuia, das nossas mattas, taboleiros de flores, na cercadura de grammineas, emmoldurando vivendas distinctas.

O granito claro-azulado, dos parellelepipedos, vae afugentando as pedras irregulares.

Praça Fernando Amaro

Aquelles calçamentos velhos que os saudosos avós pisaram, estão se indo embora.

Logo, delles, como dos respeitaveis vôvôs, que se foram, só ficará a saudade...

Mercado

A terra que Lara fundou, está ficando garrida.

Como a princeza que dormia no bosque, ella despertou nos braços do principe encantador.

Esse principe de roupagens vistosas e de brilhante porte é o Progresso.

Ella já ganhou dois monumentos para as suas lindas praças. Fala-se noutro, para muito breve.

Tudo de gente boa, que lhe deu o coração.

Em pouco o seu porto estará apparelhado.

Agora só as officinas trabalham. E na Cotinga, a ilha-biombo que enfeita a bahia, a dynamite rasga impiedosamente o coração duro das pedras, descarnando veias que não sangram, para as muralhas do cáes.

Vendo aquella evolução, a gente sabe que o Paraná progride.

E dá vontade de gritar, para toda a gente, o futuro grandioso que o espera!

Antonina — 1929

Paraná

Dedos,
prolongamentos subtis
da sensibilidade,
magicas raizes de almas feminis
que procuram, fremindo de ansiedade,
cingir estreitamente o ar
e oscular febrilmente a claridade!

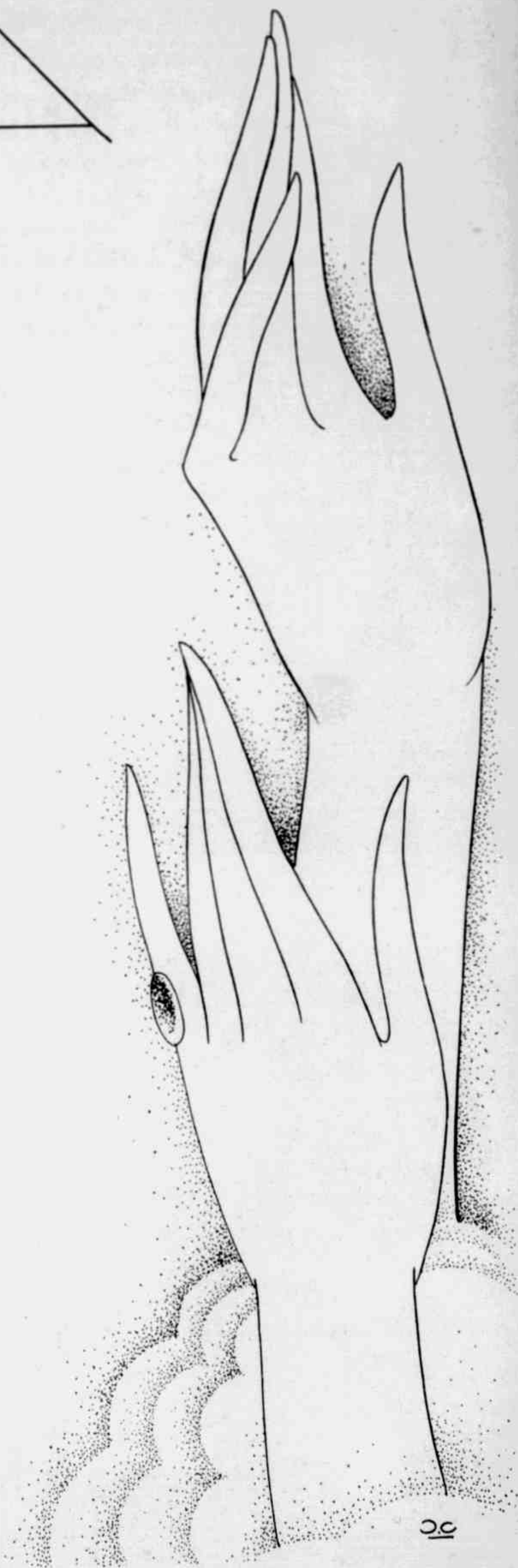
Dedos, por que viveis a trabalhar
e assim vos maltrataes e vos feris?
Por que ficaes magoados, tristes,
levando ao caule, de onde surgistes,
a magoa e a dôr?

— Por que? Para ferir o Nosso Amor!

Dedos,
depois que vos achaes feridos e sangrentos,
por que tentaes de novo ser macios,
fidalgos, transparentes, alvacentos,
e ornados de apparatos e atavios,
já esquecidos de magoa e dôr?

— Por que? Para afagar o Nosso Amor!

Dedos,
vinculos prodigiosos
que em delicados nós
ligaes, na Terra, as almas!
Sois vós
que na exhaustão dos dias afanosos
e na fascinação das noites calmas,
servis e acariciaes
o Bem Amado,
umas vezes sorrindo, outras, porem, soffrendo.

Servis e acariciaes
no incomprehendido apostolado,
admiravel, estupendo,
dos prantos victoriosos
e das dôres triumphaes!

De Elegancia

EMQUANTO alguns costureiros fixam a cintura, um dos mais acatados de Paris prefere e recommenda os vestidos "princesse". Busto ajustado, cintura ligeiramente marcada, quadris tambem presos pelo tecido e saia ampla. Se os de dia obedecem a tal preceito os de noite muito mais. As côres predilectas para os vestidos, no ultimo verão européo, foram o azul celeste, o rosa em varias tonalidades, e o branco. Aqui mesmo temos visto grande predominancia do rosa e do azul, quer nas ruas da cidade quer nas praias ou nas reuniões que, agora, são escassas, mas ainda encantadoras.

— Que calôr!

Mas não faltam a um recital de arte, a um chá, a um jantar. A 14 de Janeiro ultimo o Casino esteve repleto do que conta a nossa sociedade de mais fino em letras e arte. E' que Didi Caillet, a formosa Miss Paraná, disse num lindo programma os mais lindos versos dos nossos poetas. De musselina rôxo violeta, num scenario rôxo movia-se a delicada figura da elegante moça a quem não faltaram applausos e flôres. E ninguem se lembrou de que o dia, como os outros, era quentissimo.

Agora todos cogitam do carnaval. Uns pensam em fugir do daqui para apreciar o da roça. Outros só ambicionam os momentos de folia que deixam boas recordações, arrependimentos, e, sobretudo, cansaço. Mas é a festa que une toda a cidade, pobres e ricos, burguezes e alta sociedade.

Cigana, pastora, oriental, 1830, fustanella, cossaco, russa, suissa, heliotrópo, e outras, e innumeras, todas coloridas e devidamente descriptas, facilitando, assim, a escolha e a compra do tecido.

São fantasias finas, de muita vista, e, relativamente de pequeno custo.

Como tambem ha as que preferem vestidos de baile, porque servem depois, esta pagina publicará varios modelos, segundo os ultimos figurinos parisienses.

O *Para todos*... de 25 ultimo principiou a publicar fantasias coloridas, o que fará durante os numeros que precederem o carnaval, até mesmo o de sabbado gordo.

As saias compridas tornaram os vestidos de noite sumptuosos, por mais simples que sejam de adorno.

Musselina, tulle, renda, tonalidade unida ou estamparia, velludo, crêpe setim são os pannos indicados.

Os vestidos de renda de sêda para bailes, para jantar, e, ainda, para visitas de cerimonia. Os de garnde gala, de velludo de sêda ou de crêpe setim trazem sempre um paletot curto enfeitado de péle.

Aliás estão muito na moda os vestidos de noite guarnecidos de "renard", de "chinchilla", etc.

Num tecido vaporoso o contraste é muito elegante.

Assim, as figuras de hoje são: vestido de crêpe romano preto, fivella do cinto, collares e pulseiras de rubi e perolas; vestido de musselina verde, cujo unico enfeite é a maneira dos recortes; musselina verde claro, um laço de esmeraldas cerrando a blusa, na frente, e collar tambem de esmeraldas; crêpe turqueza e collar do mesmo tom.

Cinco vestidos pretos, rigorosamente elegantes para a noite: tulle e musselina, "georgette" com bandas incrustadas e blusa festonada a ouro.

Ainda:

Filó de sêda marinho e "pois" de prata; renda preta em dois desenhos differentes; renda rosa e "georgette" de igual côr.

Concorrencia elegante: Nos salões de A. Fadigas.

SORCIÈRE

MUSICA

Guy d'Auberval...

Ahi está um nome que ainda representa, para muita gente, um enigma, senão mesmo um mysterio.

Mysterio não apenas para os que vivem para além das fronteiras que limitam o meio musical carioca, mas mesmo dentro delle, mesmo entre muitos dos que aqui amam e cultivam a divina arte.

Ha musicos, como ha escriptores, que, depois de se popularizar pelo fulgor do proprio nome, confiam ao mysterio de um pseudonymo os seus desejos de novos triumphos e de novas sensações.

Em Guy d'Auberval não se dá isso. Mesmo porque, se é verdade, como diz Buffon, que o estylo é o homem, Guy d'Auberval trahiria o seu verdadeiro nome de autor, atravez do estylo de suas composições.

Quem diz Guy d'Auberval, diz Aloysio de Castro; e quem pensa em Aloysio de Castro, logo se sente empolgado pelo brilho da evidencia em que elle se mantem, com um destaque excepcional, entre os nossos grandes nomes do momento. Porque Aloysio de Castro é bem um desses casos em que a natureza parece exceder-se a si propria, na distribuição de suas prodigalidades.

Nelle, ha um multiplo desdobramento de personalidades, que é preciso distinguir. Sobretudo, distinguir o homem de sciencia e o artista — que são em resumo, os aspectos principaes, sob os quaes se pódem apreciar o seu talento brilhante de iintellectual e a sua sensibilidade de poeta e de musico.

O pseudonymo é, ás vezes, uma necessidade. Quando Guy d'Auberval surgiu no nosso ambiente musical, para conquistar o seu lugar no seio seductor da popularidade, já encontrou Aloysio de Castro aureolado pelo grande respeito e pela grande admiração com que era pronunciado o seu nome nos nossos meios scientificos. Aloysio de Castro, porém, não era apenas um scientista; elle era e é, antes de tudo, um intellectual e, acima de tudo, um artista.

Foi por isso, talvez, que appellou para o pseudonymo.

O nome de Aloysio de Castro desperta, immediatamente, a impressão do homem de sciencias, o homem de estudos profundos, o investigador dos segredos de uma sciencia tão difficil quanto bella, tão surprehendente quanto generosa. Não despertaria, talvez, nunca, a idéa do autor de algumas paginas de musica, cheias de simplicidade e de inspiração. Pensando-se em Aloysio de Castro, poder-se-ia pensar no poeta dos formosos vresos do "Rimario" e de "Carmes". Não seria facil, porém, evocar o musico que escreveu essas paginas felizes do" Canto Nocturno", de "Cloches du soir" ou do "Canto pastoril".

Eis por que, como disse, ás vezes, o pseudonymo é uma necessidade.

Aloysio de Castro, assim pensando, foi o primeiro que se distinguiu o homem de sciencia do musico. Onde um acaba, o outro começa. Um é o eterno apaixonado da belleza, sob todos os seus aspectos. Nada tem que ver com o outro — o que devora os livros no seu gabinete de estudos; o que brilha na sua cathedra de professor de Medicina; o que fulge entre os seus pares da Academia de Letras; o que se multiplica em providencias na direcção do Departamento Nacional de Ensino.

Se entre os nossos grandes nomes de sciencia, Aloysio de Castro paira a uma altura de excepcional destaque, Guy d'Auberval, entre os nossos musicos, vae-se impondo como um compositor interessantissimo, digno do applauso e da attenção do publico.

Senhorita Hestia Barroso, que interpretou, com grande realce, algumas peças do programma dedicado á Aloysio de Castro, pela Radio Sociedade.

E' por isso que o musico completa o scientista. E' por isso que Guy d'Auberval é digno de Aloysio de Castro. Um está á altura do outro. E Aloysio de Castro poderia perfeitamente, sem constrangimento, assignar todas as composições de Guy d'Auberval, sem que o musico compromettesse jamais o homem de sciencia de que tanto nos orgulhamos.

Não admira que assim seja quem possue a sensibilidade aguçada que elle possue.

O que admira é que, na vida attribulada que leva, ainda lhe sobrem momentos para dar expansão á sua vida de artista.

Chega a parecer incrivel que a actividade mental desse homem possa multiplicar-se como se multiplica. Elle é o professor, que amanhece na cathedra e nas enfermarias dos hospitaes, espargindo a luz de seus conhecimentos. E' o clinico, que vae de leito em leito, levando a esperança e o alivio aos que padecem. E' o depositario da confiança do Governo, que move o Departamento Nacional de Ensino, ao toque da vara magica de sua actividade extraordinaria. E' o escriptor, que abrilhanta, pelo estylo e pela idéa, as paginas de ouro da literatura brasileira. E' o poeta, que sente a belleza das coisas e que a interpreta em rimas. E é, finalmente, o compositor delicado, que se apossa de seus proprios versos, para apresental-os transformados em paginas de musica.

O homem de sciencias não consegue absorver o artista que vibra em Aloysio de Castro.

O dia poderá roubar-lhe nove decimas partes para as suas attribuições; sobrará sempre uma para a musica. O trabalho poderá exigir-lhe todas as fadigas possiveis; haverá sempre um momento de repouso para o seu espirito. E então a arte o absorverá, a musica o empolgará, elle lhe renderá o seu preito e a sua homenagem; e o seu dia estará completo, a sua grande paixão de compositor e de interprete ficará satisfeita, as suas ambições de artista terão tido o seu momento de seductora esthesia. Dará por bem compensados os labores do dia, só pelo goso de um pouco de convivencia com o seu piano, os seus autores predilectos, as suas musicas queridas.

Aloysio de Castro tem pela musica uma fascinação irresistivel. Como expressão de arte, como revelação do genio humano, como encanto do espirito, a musica é a Deusa Maravilhosa de sua crença. E é essa Deusa que realiza o milagre de lhe dar tempo, para que elle possa render-lhe sempre a homenagem de seu culto e de sua adoração de todos os dias.

Bom e doce milagre esse, que permitte ao musico dar expansão á sua phantasia creadora, em paginas que denunciam o seu temperamento romantico, sensivel a tudo quanto a vida possue de delicado e de amavel, de commovedor e apaixonado — paginas que são outras tantas joias sonoras, outras tantas expressões de belleza, com que todos os dias, Guy d'Auberval vae enriquecendo o repertorio brasileiro.

Os Orestes

BAHIA

O Dr. Vital Soares, ao regressar do Rio, reassume o governo do Estado.

Orestes é elle só. Ella não se chama Orestes, é claro, e apezar de ser clara, — não ser morena, — não é Clara, mas canta com voz clara e maviosa lindos duetos com o Orestes.

Assim cantaram de norte a sul do paiz e foram além cantando pelas republicas do sul da America, levando ás plagas platinas, uruguayas, chilenas nossa musica dolente e nossos versos musicados na dolencia daquella musica.

Cá e lá foram sempre applaudidos, voltando satisfeitos da viagem.

Agora descansam, e emquanto descansam carregam... musicas para os "studios" da Casa Edison e da Victor, gravando discos com o seu novo repertorio onde figuram musicas e versos originaes de Eustorgio Wanderley, Mauricio Maia e outros autores.

Quando os Orestes nos visitaram, na semana passada, disseram estas cousas e outras que, por falta de espaço e modestia, não publicamos; como, por exemplo, que eram muito amigos do "Para todos...", a melhor revista brasileira... do mundo.

A Musica dos Films

Acha-se novamente no Rio, o maestro Harry Kosarin, que já ha uns 15 annos tem estado no Brasil com a sua "jazz-band". Desta vez, Harry Kosarin vem como agente da "Music Hoding Publishers Corporation", organização americana com poderes para proteger as composições dos associados da mesma, agora mais espalhadas por todos os cantos do mundo por intermedio do Cinema Sonoro. E no cumprimento da incumbencia que a grande associação protectora dos editores musicaes lhe confiou, Harry Kosarin pensa prestar grandes serviços aos compositores brasileiros tambem.

— "Terei immenso prazer em tornar conhecidas nos Estados Unidos as musicas brasileiras. E' uma musica, linda e leve, cheia de subtilezas. A musica do Brasil agrada e encanta em qualquer parte em que seja ouvida. Dahi o meu proposito de divulgal-a, quer em films, quer

em concertos — sem que os seus autores sejam prejudicados, pois a vigilancia da "Music Holding Publishers Corporation", lhes defenderá os interesses. Aliás, nesse sentido, o secretario geral da "União Pan-Americana", Franklyn Adams, teve um longo entendimento commigo, tendo ficado assente entre nós que fariamos os maiores esforços no proposito de realizar essa linda idéa".

Affirma ainda o maestro Kosarin que a "Music Holding Publishers Corporation" tem delegados em todas as partes do mundo, pugnando, assim, para o completo exito da sua finalidade.

E foi por intermedio de Harry Kosarin que "Cinearte" e "Para todos..." acabam de adquirir os direitos de publicação de varias musicas dos films americanos. A primeira que será publicada em "Cinearte" será "Broadway Baby Dolls", que Alice White canta no film "Deusas de Broadway". E "Too Wonderful For Words", do film de Lois Moran, "Letra e Musica", será a primeira publicada nesta revista.

INTERESSAM AO SEU MARIDO AS DEMAIS MULHERES ?

Toda a esposa se sente ferida quando vê que o seu marido olha para uma joven de cutis mais bella que a sua. Essa esposa sabe que já não é tão fascinadora como o fôra, quando o amor começa a florescer. Não obstante, nada teria ella por que temer, se houvesse tomado a precaução de fazer com que á superficie da sua pelle viesse resplandecer a encantadora cutis que ella possue debaixo da envelhecida. E' preciso fazer desapparecer a cuticula exterior gasta, o que se consegue por meio da applicação da Cera Mercolized. Esta substancia é encontrada em qualquer pharmacia e applica-se á noite, antes de deitar-se. Procedendo assim, rapidamente se recupera a cutis juvenil e com ella todo o seu feminino poder de seducção.

UM REMEDIO EFFICAZ CONTRA O PELLO

São muitas as damas que sabem como proceder para conseguir uma temporaria desapparição dos pellos que as enfeia. Mas em compensação, poucas são as que conhecem o remedio que produz resultados definitivos. Este remedio é o porlac puro, pulverisado, substancia que é facil achar em todas as pharmacias. O porlac é applicado directamente ás partes affectadas pelos pellos. Este tratamento não só provoca a sua instantanea desapparição, como tambem impede o seu reapparecimento, dado que em um tempo relativamente curto, produz a morte e a quéda das raizes pilosas.

O MODELADOR DE ALMAS

(FIM)

seguiu no caminhar o ponteiro immutavel do tempo no relogio sem fim da vida. De degráo em degráo Alcides, cujo caracter arrefeceu diante do amor que o consumia, ante a indifferença absoluta votada por Laurinha, e ante a completa divergencia de sentimentos, que os incompatibilisava para qualquer tentativa de vida em commum, desceu ao paúl dos vicios, na ansia incontida de matar a magua suffocante. E bebia sempre, e sempre lembrava della, tinha-a constantemente diante dos olhos, em indeleveis visões, em malditas apparições. Foi um fraco, não se póde negar. Todos os homens que se deixam abater, que alteram o rumo natural da vida por um desgosto, mormente por desgosto vindo de mulher, são, ao meu vêr, homens fracos. Porque tudo é natural e tudo é normal nas nossas existencias. Sendo natural deveremos, sensatamente, aguardar a vinda de todas essas manifestações da Vida com preparados sorrisos e preestudados contra-golpes. Aliás, isso nos ensina o psychologo francez Le Bon quando diz que "tanto a lagrima como o sorriso são manifestações da existencia de Deus"! E tambem o sabio Fradique Mendes já dizia, com superior acerto, que tanto a rosa como a chaga são magnificas expressões da Vida! Assim, Alcides, não sabendo, ou não querendo, ou não podendo relegar para o secundario plano do esquecimento a magua que o abatia, foi um fraco. Preferiu afogar-se no vicio e no alcool, a reagir e despertar para a luta. Foi um fraco. Mas foi innegavelmente um sentimental.

Esgotado, debilitado pela auto-suggestão de que era um sêr infeliz, Alcides, tendo sempre vivo o amor por Laurinha, soffrendo continuamente a repulsa dessa mulher, contentava-se em espreital-a de longe, seguindo-lhe os passos, estudando-lhe as maneiras, usufruindo assim da satisfação de admirar a sua obra meio acabada, incompleta. Elle olhava nos horizontes. Dir-se-ia ter as mãos espalmadas sobre os olhos, no gesto commum de quem espia ao longe. E sentia sincera alegria ao vêr a sua obra scintillando como scintillam as estrellas no firmamento.

Até que um dia... Os dias infalliveis nas vidas de todos nós... Custam ás vezes para vir, mas vêm fatalmente. O golpe fôra forte demais para Alcides. A sentimentalidade caracteristica, que se enternecia pelas menores maguas, rompeu de vez, como o dique que se esborôa sob a pressão das aguas. E Alcides engolphou-se de vez no vicio e no desmantello. Nada mais o interessava. O destino lhe fôra cruel, e elle se entregava de corpo e alma a esse deus impiedoso, acostumado a dispôr das vidas com facilidade e voluntariosamente. Fizesse delle, Alcides, o que bem quizesse. Tornára-se seu vassalo fidelissimo...

— Mas o que lhe aconteceu ?

■

Lydia, dilecta filhinha do casal Manoel Pereira da Silva, que a 11 do corrente completou o seu 1º anniversario.

■

— Nada mais contristador como nada mais natural. Eis a maldade humana: julgar o soffrimento alheio como cousa apenas natural. A mesma causa com dois effeitos, porque os effeitos variam conforme o corpo receptador. O que para Alcides fôra a suprema desdita, o golpe maximo, a magua incomparavel, para nós amigos, — mas espectadores, — foi o final logico da sequencia dos factos. Laurinha tinha labaredas no sangue. Sempre achára acanhado demais o ambiente de ao seu redór. Sempre julgára insupportavel as exigencias sociaes. Revoltava-se, ás vezes, contra a hypocrisia que os homens exigem na vida, não comprehendendo porque elles não preferiam a sinceridade illimitada, ao seu vêr mais racional. Laurinha desdenhára os conselhos maternos, — conselhos aliás rarissimos, pois as filhas modernas não admittem mais essa superioridade ás mães, — como escarnecera dos ensinamentos de Alcides. Ansiosa pela liberdade, visão magnifica dos espiritos sonhadores, seduzida pelos esplendores mentirosos da outra vida, livre pelo mundo. Laurinha abandonára a familia. E acompanhou, imaginando felicidade eterna, o homem proprietario de um automovel caro e dono de um appartamento luxuoso, onde se faziam festas maravilhosas. Vocês comprehendem, meus amigos. Nestas quédas, nestas lamentaveis mudancas de meio social, neste abandono da familia pela sargeta reluzente, entram tantos factores moraes que seria longo enumeral-os. Tudo contribue e concorre para a derrocada. Nada impede ou sustém a quéda.

Alcides soffreu com isso o mais profundo golpe que o poderia attingir. Golpe duplo, ferimento profundo, de cura impossivel. Perdia assim o seu amor, e o via envolto na lama do peccado livre, do peccado creado, como a virtude, pelo mesmo Deus. Mas, mais que a perda do amor, feriu-o a quéda do seu unico ideal. Do unico sonho de toda a mocidade, gasta em applicar as sãs doutrinas na maravilhosa modelação de almas para a verdadeira vida. Laurinha, sua discipula, desviára-se da trilha que elle lhe traçára com carinho e intelligencia. Elle estava morto, porque morrera o seu unico ideal, e o homem sem ideal é a massa bruta de carne, é a reducção á animalidade do sêr irracional.

E na ultima vez que o vi, no "bar", um pouco antes de se abysmar no

oceano insensivel da embriaguez, falou-me desoladamente:

— Para que continuar? De que adianta a luta contra a força indomavel do Destino? Eu tive um ideal, e esse de bondade. Nelle puz toda a minha dedicação, votando-lhe todo o meu esforço e toda a minha illusão. Quiz fazer de Laurinha a minha obra-prima. Justamente Laurinha... Você sabe o que ella é hoje? Não sabe? E' o attestado supremo de minha incompetencia, da minha incapacidade como artista! A primeira alma difficil que encontrei não pude modelal-a. Eu sou, reconheço-o com pesar e disso me convenci, um artista falhado. Ou por outra, na arte a que me dediquei eu nada consegui. Laurinha é o espelho de minha incompetencia...

E poz-se a beber...

Nunca mais o vi. Mas sei que definhou dia a dia. Sentimental profundo, nada lhe restava na vida depois de se ter convencido de que o unico ideal que tivera, ideal puramente sentimentalista, não podia ser realizado. Não acham os amigos que é má cousa o sentimentalismo? Eis o "bond" Retardou propositalmente...

— Boa noite.

— Boa noite.

PLINIO FLÔRES

Julho de 1929.

A ULTIMA NOITE

(FIM)

Oh! a sua mãezinha. Então sentava-se, contava-lhe tudo, o sonho que tivera, o seu abandono, as dormidas ao relento, as infamias, os engates no jogo, tudo por má cabeça...

— Má cabeça tua, meu filho. Mas tu tens tua mãe. Vae dormir, anda, vae descansar. Descansa que eu te arranjo tudo. Não ha pedido de mãe que Deus não ouça.

Então elle sentia-se ainda mais pequeno, cheio de vontades. Queria uma roupa nova, um par de botas, chocolate. Gostava tanto de chocolate! Elle pedia, ella promettia chorando. E assim os dois, a velha é que o deitava, que o cobria com a colcha limpa.

— Dorme, meu filho, dorme.

E elle dormia, dormia tão bem na sua cama, ao lado de sua mãe, na sua casa! dormia bem mesmo, muito, sentindo o prazer indizivel de estar dormindo.

De repente, porém, sentiu um estalo no ouvido. Acordou. O "wagon" estava cheio. Era de madrugada. O trem voltava cheio de operarios. A manhã nascia lavada e côr de perola. Os artifices bulhentos tinham resolvido acordal-o, e um da roda, todo a gingar, com ar de desafio e de troça, batia-lhe palmas junto ao ouvido.

Armando ergueu-se, encarou-o.

— Estou incommodando, cidadão? — chalaceou o outro.

O pobre rapaz recalcou a colera, sorriu.

— Não, até me fez bem... Tirou-me um sonho!

E foi para a plataforma do "wagon" olhar os ultimos vestigios de uma das suas noites. Que havia de fazer agora? O mesmo que fizera antes, a mesma miseria, a mesma infamia, o mesmo horror. Nossa Senhora! Mas não haveria meio de ganhar a vida, de comer, de dormir, de viver? Não haveria quem tivesse piedade da sua atroz agonia?...

Sentou-se na escadinha, acabado. O trem continuava a galopar pelos campos dourados do sol nascente. A natureza abria em flor, ao beijo da madrugada. Uma corrente pendia entre o "wagon" em que estava e o outro "wagon". Inconscientemente estendeu a mão. Seria tão interessante pegal-a. Mas custava. Tudo no mundo custa.

Estendeu mais o corpo, quasi deitado, estendeu mais. O corpo falseou, pendeu. Quiz salvar-se, numa subita e desesperada angustia. Com os pés enlaçados na grade, ainda conseguiu prender as mãos nos parachoques. Mas um solavanco desprendeu-o. O corpo cahiu. As rodas do outro "wagon" esmigalharam qualquer cousa. O trem continuou na luminosidade da manhã. E ninguem do trem reparou naquelle fim de vida tão desconsolada, sob o calor do sol que começava...

NO INSTITUTO DE MUSICA

M. A. J.

A vida do estudante tem cada surpresa! A minha collega M. A. J., com o concurso que acaba de fazer, recebeu, com certeza, a maior surpresa que poderia esperar, em toda a sua vida.

E, entretanto, não havia ninguem mais convencida do que ella.

Muito antes de terminar o curso, ella já se considerava uma Medalha de Ouro. Para as collegas, para o professor, para todo o mundo, o Primeiro Premio, para ella, era "sopa"!

Ha pouco tempo, quando cantou "Elle est à toi", de Schumann e depois que comeu os "Champignons", de Moussorgsky, deante daquelles applausos muito frios do publico, ella ficou perdidamente vaidosa, certa de que era a maior cantora do mundo...

Os que a escutaram cantar e depois elogiar-se custaram a conter-se, mas, emfim continham-se. Para que contestar? Para que desmentir?

Afinal, como quem ri por ultimo é sempre quem ri melhor, as "victimas" da M. A. estão vingadas... E' que a mesa do concurso não foi da mesma opinião que ella, sobre os seus talentos de cantora. E em logar do Primeiro, deu-lhe o Terceiro Premio, em vez da Medalha de Ouro apenas uma Menção Honrosa...

As más linguas do Instituto dizem varias coisas: Que ella vae entrar em novo concurso para o anno; que vae apresentar o seu protesto contra o jury, que vae concorrer ao concurso de premio de viagem, emfim, que não deixará de tomar a sua vingança do jury, que ella considera o mais injusto de quantos já funccionaram no Instituto.

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para resposta.

■

RINA FERRI (Rio) — Grato pelos cumprimentos de boas-festas. Sua letra calligraphica denota mediocridade, espirito rotineiro, pretensão, a menos que não seja professora de calligraphia. Ha symptomas de exarcebação dos sentidos. O córte dos tt mostra decisão, teimosia, reserva, amor á vingança.

JOÃO DA SERRA (Canela) — Escripta rapida, sobria, ligada, mostrando cultura, actividade, enthusiasmo, talvez um pouco de precipitação refreada por prudencia e equilibrio mental que lhe controla os impulsos mais vivos. Deducção facil, poder de assimilação e de logica, concatenação de idéas. A' segunda pergunta respondo que sua desconfiança é certa. E' "elle" mesmo o Samuel.

SYLVIA REGINA (Canela) — Delicadeza, sensibilidade, fraqueza, ternura, susceptibilidade, amor proprio muito "melindravel". Um pouco de nervosismo, inquietação, impaciencia, mobilidade, amor ao confortavel e ás grandes imagens.

TITIA (São Paulo) — O estudo foi o mais completo possivel. Grato pela gentileza das suas referencias elogiosas ao modesto sobrinho. Então o "Viajante" é mesmo como o descrevi? Antes assim.

O horoscopo das pessoas nascidas a 16 de Janeiro, é este: "São de superior intelligencia e perseverantes, até conseguirem o que pretendm. Muito independentes, têm graça para conversar, deleitando os ouvintes. São ainda um pouco orgulhosos e futeis. Seu orgulho as faz desprezar conselhos e consolo quando erram ou soffrem. Têm temperamento artistico, amam a vida com os seus prazeres, sendo economicas, principalmente as mulheres que têm ainda vocação para a musica. São de resolução prompta, decididas e sabem aproveitar as opportunidades, prevendo o futuro?" Está satisfeita?

LILIAN DE SOURZY (São Paulo) — Ficou contente com o estudo que fiz? Ainda bem. Não houve exaggero algum. Vendo sua letra era como si lhe visse o intimo d'alma. Não era preciso conhecel-a pessoalmente, embora isso me fosse muito agradavel. Quanto á chamada "letra de Sion", me baseio na observação que tenho feito da calligraphia de diversas educandas e de ex-sionistas e tambem na opinião do Dr. C. Streletsky, autoridade em assumptos de graphologia quando se refere á graphia chamada "da moda".

Referindo-se á escripta adoptada ou imposta no "Sacré-Cœur", diz elle:

"Cette écriture a pour caractéristiques principales: la regularité, l'angulosité (triangle) du tracé et les dimensions, suvent supérieures à la moyenne. Toutes les écritures derivées de l'écriture du Sacré-Cœur sont conventionelles; ou les dit volontiers "aristocratiques".

A respeito de romances é preciso muito criterio na escolha dos que tiver de lêr. Prefira descripções de viagens a essa leitura de ficção.

O horoscopo dos nascidos a 25 de Abril, é este: "Têm grande poder intellectual, actividade mental e tino administrativo. Gôsto artistico, principalmente para a musica, embora sejam nervosos e impacientes como "maestros". Muito voluveis, seu coração varia, como a pluma ao vento. Apezar disso, são egoistas nas amizades e, portanto, ciumentos". Escreva, Lilian que me dará prazer sua correspondencia.

ZANONI (Encruzilhada) — Letra desigual, incerta, mostrando mobilidade, sensibilidade, agitação, emotividade, inconstancia, indecisão. Ha mais accentuado sensualismo, teimosia, ima-

ginação viva, fantasia, loquacidade, alegria, ambição, enthusiasmo.

RAQUEL (Botafogo) — Sua graphia é uma das taes da "moda", artificiaes, angulosas, de grande caractéres. Denota orgulho, ideaes elevados, grandes aspirações, generosidade, embora alguns traços sinistrogyros signifiquem egoismo. E' um tanto arisca, aggressiva e faz selecção nas suas amizades. Diga-me: estudou no S.on ou no Sacré-Cœur? O horoscopo das pessoas nascidas a 1º de Fevereiro, é este: "Têm grande capacidade de trabalho, mas são preguiçosas, negligentes, só fazendo as cousas á ultima hora. Têm genio alegre e sabem transmitt.r aos outros sua alegria. Como amiguinhas são doceis, dedicadas, carinhosas; porém, terriveis como inimigas pelo seu espirito de resignação. Serão felizes casando com pessoas nascidas em Janeiro, Junho ou Outubro. Suas pedras talismans são as azues: turqueza, saphyra, opala; suas côres predilectas tambem o azul, o roseo e o verde claro".

CARIOQUINHA (Rio) — Letra redondinha de joven bondosa, amavel, terna, benevolente, talvez um pouquinho preguiçosa... Como os traços são verticaes indicam reserva, energia, força de vontade. Vejo ainda algum capricho, teimosia, ordem, economia, sendo artistico. O horoscopo das pessoas nascidas a 13 de Dezembro, é este: "São amigas de viajar e quasi sempre morrem longe da patria. São activas, energicas, francas e tão trabalhadoras que lhes faz mal aos nervos vêr a preguiça alheia. Guardam fidelidade e viverão longos annos felizes; apenas estão sujeitas a esgotamentos nervosos devido á sua grande actividade".

MYRIAN (Rio) — Pede o horoscopo e se esqueceu de mandar dizer o dia e mez do nascimento?... Escreva, pois eu não sou adivinho, não é?

GRAPHOLOGO

A musica popular no concurso da Casa Edison

A orchestra "Pan Americana", que executou as producções concorrentes para o julgamento dos espectadores.

Uma enchente completa do Theatro Lyrico, de gente que afrontou o temporal para ouvir o que é nosso...

A fascinação das perolas

As perolas exerceram sempre, em todos os tempos e em todos os povos, uma irresistivel attracção sobre as mulheres, que as cobiçam para o maior encantamento da propria faceirice. Mas só sobre as mulheres a fascinação das perolas? Não; talvez mais que nas filhas de Eva, os homens se deslumbram á vista de um fiozinho dos delicados globulos brancos, pelo menos quando expostos no mostruario delicioso de um collo de mulher bonita...

As mulheres amam as perolas, e os homens, para lhes serem agradaveis, fazem galopar a imaginação atraz de idéas que, por associação, possam agradar ás bellas... Tal é o caso dos "dentes lindos como um collar de perolas", imagem de que tanto abusam os poetas e os chronistas elegantes, deixando-a sempre nova. As mulheres gostam da comparação, estimulam-se com ella, e passam a buscar meios de tornarem-na verosimil. A maioria dellas, das verdadeiras elegantes, já chegaram a um resultado feliz de suas pesquisas, com o uso habitual do maravilhoso dentifricio liquido "Sepol", fórmula de Th. de Abreu, e o unico que dá realmente aos dentes a alvura e o brilho das perolas, immunizando-os da carie e outras doenças, além de dar á bocca um halito suave e perfumado.

STUTZ
THE SYMBOL OF SAFETY
BLACK HAWK

DE ALGODÃO, LÃ, RIÇO, FIBRA, PELLUCIA E AVELLUDADOS
OVAES, OCTOGONAES E RECTANGULARES

TAPETES ORIENTAES E DE ARRAIOLOS

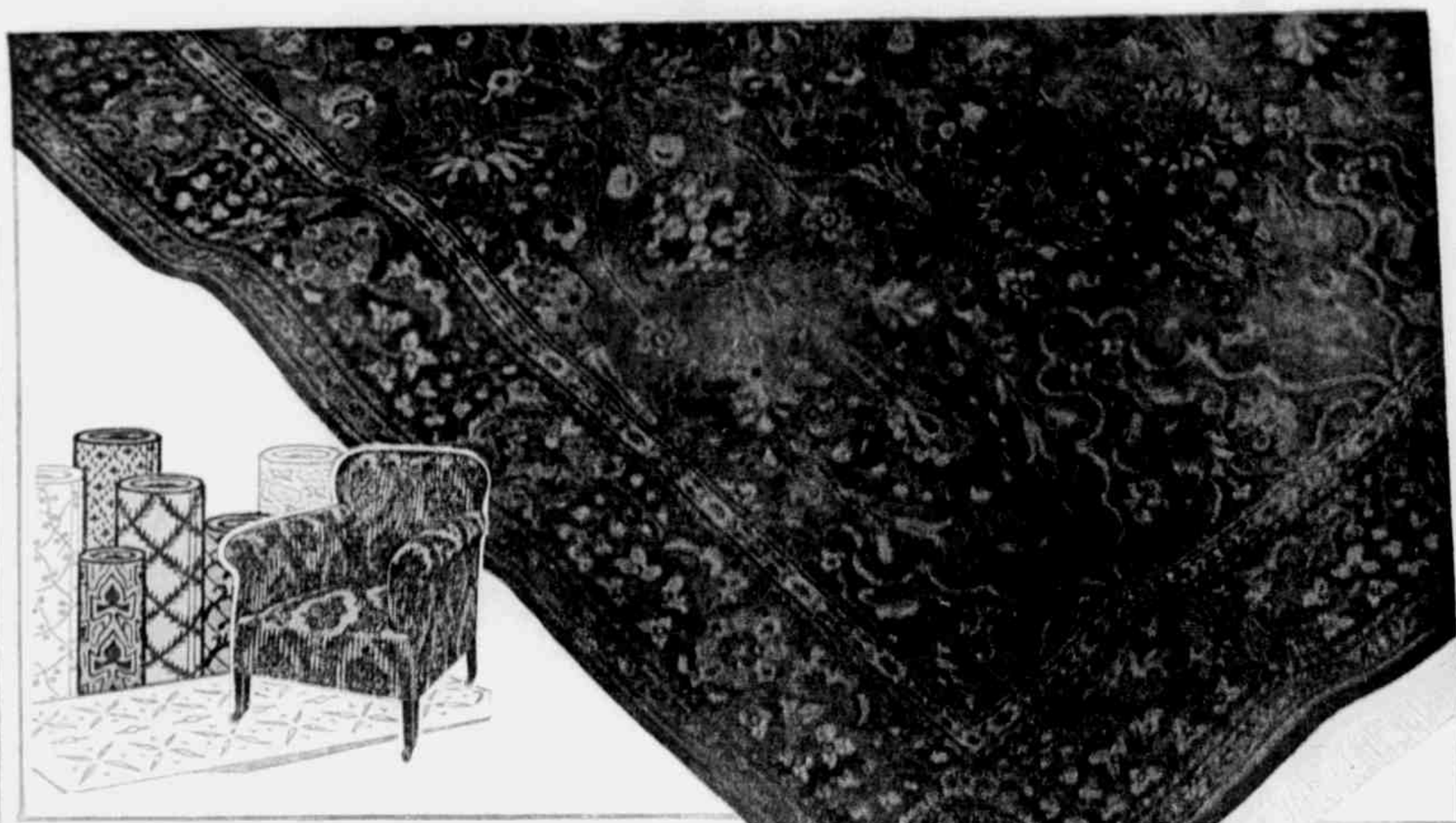
FEITOS A' MÃO
TODAS AS DIMENSÕES E CÔRES

CAPACHOS E PASSADEIRAS

TAPETES E PASSADEIRAS DE LINOLEUM "BARRY'S"

PREÇOS VANTAJOSOS

VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

CASA NUNES

HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

65 - RUA DA CARIOCA 67
- RIO DE JANEIRO -

Officinas Graphicas d'O MALHO